



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL  
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

**HERCÍLIO MARTINS FILHO**

**CHARLES HADDON SPURGEON:  
*VIDA, OBRA E TEOLOGIA PASTORAL***

**BELÉM – PARÁ  
2011**



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL  
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

HERCÍLIO MARTINS FILHO

**CHARLES HADDON SPURGEON:**  
*VIDA, OBRA E TEOLOGIA PASTORAL*

Trabalho de conclusão de curso apresentado em cumprimento às exigências da disciplina: **METODOLOGIA DA PESQUISA II** do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista Equatorial. Ministrada pelo Prof. Josué da Silva de Lima.

BELÉM – PARÁ  
2011

MARTINS FILHO, Hercílio

**CHARLES HADDON SPURGEON: VIDA, OBRA E TEOLOGIA  
PASTORAL**

**Belém – 2011. 82p.**

**I METODOLOGIA CIENTÍFICA.**

2. Trabalhos científicos – elaboração.

**II FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL**

CDD. 251 M386

## **NOMINATA**

Diretor Geral

Dr. David Powman Riker

Diretor Acadêmico

Dr. Prof. Manoel Ribeiro de Moraes Junior

**Coordenador de Pós-Graduação e Pesquisa**

Prof. José Carlos Lima da Costa

**Diretor Administrativo**

Pr. Antonio Ronaldo Femiano Souza

**Secretária Geral**

Responsável: Gabriela Nunes Campos

HERCÍLIO MARTINS FILHO

**CHARLES HADDON SPURGEON:**  
*VIDA, OBRA E TEOLOGIA PASTORAL*

Banca examinadora:

---

1. Prof. Josué da Silva de Lima - Prof. orientador

---

1. Prof. José Carlos Lima da Costa – Avaliador

---

1. Prof. Benildo Veloso da Costa – Avaliador

Aprovado em:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Conceito:

\_\_\_\_\_

A Deus, toda honra e toda glória. À minha querida esposa Fátima Martins e minha filha Juliana, aos meus pais e mestres, a minha eterna gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

À Faculdade Teológica Batista Equatorial;

Ao Prof. Josué da Silva de Lima, pelo amigo que é, e pela orientação na elaboração deste trabalho;

À Primeira Igreja Batista do Pará, pelo apoio financeiro na concessão de bolsa de estudo;

Ao Dco. Ronald Andrade, grande amigo e apoiador;

E a todos que contribuíram direta e indiretamente na elaboração deste trabalho.

E também por mim, para que me seja dada,  
no abrir da minha boca, a palavra, para com  
intrepidez fazer conhecido o mistério do  
Evangelho.

**Apóstolo Paulo**

## RESUMO

O presente trabalho destina-se a mostrar em síntese a vida, obra e teologia pastoral na prática de Charles Haddon Spurgeon. E, está tratando exclusivamente da prática pastoral com base bíblica evangélica. O pesquisador procurou focar na vida e na prática pastoral do “Príncipe dos Pregadores”, onde se encontram exemplos de vida e orientações técnicas para os estudantes que aspiram ao ministério da Palavra, assim como, apresenta ajuda importante aos pregadores mais experimentados. Os temas aqui abordados são: introdução, uma visão resumida da Inglaterra no tempo de Spurgeon, biografia, teologia do Espírito Santo aplicada aos pregadores, homilética, incluindo o conteúdo do sermão e a forma de apresentação e as considerações. Todo esse conjunto de informações constituem num pequeno compendio sobre homilética e teologia pastoral. Vale salientar, que as técnicas não são mais importantes que o sermão, a doutrina e os ensinamentos. Contudo, podem se tornar aliadas importantes à eficácia do sermão. Provavelmente auxiliará na obtenção de bons resultados com relação ao desenvolvimento dos ouvintes. Os assuntos abordados nessa pesquisa são universalmente aceitos, embora, naturalmente, precisem ser adaptadas a cada realidade específica.

Palavras-chave: teologia, homilética, pregadores.

## SUMÁRIO

<b>ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS.....</b>	<b>1-11</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. A INGLATERRA NO TEMPO DE SPURGEON.....</b>	<b>14</b>
2.1 BIOGRAFIA DE CHARLES HADDON SPURGEON.....	15
2.1.1 O nascimento e a infância de Spurgeon.....	16
2.1.2 A conversão de Spurgeon.....	23
2.1.3 O batismo de Spurgeon.....	26
2.2 O PRIMEIRO PASTORADO DE SPURGEON.....	29
2.3 O SEGUNDO PASTORADO DE SPURGEON NA CAPITAL DA INGLATERRA.....	35
2.3.1 A esposa e filhos de Spurgeon.....	39
2.3.2 A publicação das mensagens de Spurgeon.....	42
2.3.3 A Escola de Pastores.....	43
2.3.4 A associação de colportagem.....	44
2.3.5 As instituições de caridade.....	44
<b>3. TEOLOGIA PASTORAL APLICADA À HOMILÉTICA EM SUPURGEON.....</b>	<b>46</b>
3.1 TEOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO APLICADA AOS PREGADORES.....	46
3.1.1 Ele é o Espírito de conhecimento e sabedoria.....	47
3.1.2 Ele dá liberdade de expressão.....	50
3.1.3 Ele unge o pregador em todo trabalho da pregação.....	52
3.1.4 O pregador depende do Espírito Santo para produzir efeito concreto.....	53
3.1.5 O pregador precisa do Espírito Santo para interceder pelos santos.....	54
3.1.6 O Espírito Santo é o Espírito de santidade.....	55
3.1.7 O pregador precisa do Espírito Santo para lhe dar discernimento.....	56
3.1.8 O pregador depende da assistência do Espírito Santo.....	57
3.2 HOMILÉTICA DE SPURGEON.....	60
3.2.1 No sermão deve haver doutrina e ensino valioso.....	61
3.2.2 No sermão deve haver coerência com o texto bíblico.....	65
3.2.3 No sermão não deve haver material demais.....	66
3.2.4 No sermão deve haver ordem de idéias.....	67
3.2.5 No sermão deve-se ampliar e desenvolver os ensinoss.....	67
3.2.6 Resumo do assunto.....	68
3.3 O PREGADOR E A ESPIRITUALIZAÇÃO DE UM TEXTO BÍBLICO.....	68
3.3.1 Como espiritualizar corretamente um texto.....	69

<b>3.4 POSTURA, ATITUDE E GESTOS.....</b>	<b>72</b>
<b>3.4.1 Alguns pregadores são desajeitados por natureza.....</b>	<b>72</b>
<b>3.4.2 Alguns pregadores podem ficar desajeitados por uma fraca elocução.....</b>	<b>73</b>
<b>3.4.3 Alguns pregadores podem ficar desajeitados em função do púlpito.....</b>	<b>74</b>
<b>3.4.4 Alguns pregadores podem ficar desajeitados em função do medo..</b>	<b>75</b>
<b>3.4.5 Alguns pregadores podem ficar desajeitados por alguma dificuldade com a pregação.....</b>	<b>75</b>
<b>3.4.6 Alguns pregadores podem ficar desajeitados pela força do hábito.....</b>	<b>76</b>
<b>3.4.7 Os movimentos devem ser combinados com a mensagem.....</b>	<b>76</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>5. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>81</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Qualquer crente sincero, com um mínimo de discernimento espiritual, e que se preocupa com a situação da igreja de Cristo, pode perceber que o evangelicalismo moderno está em profunda crise de identidade. Seja em relação à doutrina, seja com relação à prática, o movimento evangélico se descaracterizou. Não podemos mais defini-lo. O que caracteriza, afinal, uma igreja evangélica. Qual a sua doutrina? Qual a sua pregação? Qual a sua prática? Qual o seu rumo? Está cada vez mais difícil responder satisfatoriamente estas questões.<sup>1</sup>

Charles Haddon Spurgeon, o grande pregador batista do século passado. Tem abundante material publicado, inclusive em português, dentre essas publicações encontramos sua biografia, seus sermões e as lições que ensinava seus alunos, que aspiravam o ministério da Palavra. Embora ele seja mencionado por várias pessoas no meio evangélico hoje, poucas pessoas têm uma compreensão plena da vida, obra e teologia deste que é considerado o “Príncipe dos Pregadores”.

O presente trabalho destina-se a mostrar, em síntese, a vida e obra, a teologia do Espírito Santo aplicada aos pregadores e homilética na visão de Spurgeon. O pastor, na busca de aprimoramento para o exercício de seu ministério, deve estar sempre disposto a estudar homilética e teologia pastoral, a fim de exercer o seu ministério de modo eficaz. A pregação é o principal instrumento do ofício do pastor. É como um carpinteiro que precisa gastar tempo e cuidado de suas ferramentas, a fim de que elas estejam em boas condições de uso e o seu trabalho seja diminuído e a produção alcance o seu ponto máximo.

O pesquisador, nesse momento, em que conclui a graduação, decidiu estudar e demonstrar neste trabalho, alguns pontos que julgou ser relevantes para o momento. Spurgeon elaborou um material para ensinar no seu Instituto Teológico chamado “Lições aos Meus Alunos – Homilética e Teologia Pastoral”, esses ensinamentos foram significativos aos seus alunos e a todos quantos tiveram o privilégio de ler os seus livros. É certo que o pesquisador enriquecerá bastante o conteúdo de seus sermões se aplicar tais conhecimentos

---

<sup>1</sup> ANGLADA, Paulo. **Spurgeon e o Evangelicalismo Moderno**, p. 1

na prática do seu ministério. O pesquisador começa o seu trabalho apresentando um breve esboço biográfico de Spurgeon; depois faz uma abordagem sobre o ministério do pregador e a ação do Espírito Santo em sua vida; em seguida comenta sobre o conteúdo do sermão, abordando os ensinamentos relevantes e a doutrina; a espiritualização correta de textos bíblicos; e por fim, comenta sobre postura e gestos na pregação. Essas questões são muito importantes para um 'aprendiz' que é o caso dos seminaristas. O pesquisador salienta que as técnicas não são mais importantes que a pregação, mas são importantes aliadas do sermão.

Os assuntos abordados nesse trabalho são universalmente aceitos, embora, naturalmente, precisem ser adaptados a cada realidade específica. O pregador pode usar essas técnicas numa grande congregação, numa igreja urbana, numa igreja antiga, e num vilarejo qualquer. Levando em conta a situação. Porque o pregador tem a mesma Palavra de Deus e os mesmos seres humanos, sendo o pregador falível chamado pelo mesmo Deus vivo para estudar tanto a Palavra quanto o mundo, a fim de relacionar um com o outro com honestidade, com convicção, com coragem e com mansidão. Essas instruções de Spurgeon são perfeitas para auxiliar e equipar também os pregadores leigos que levam a sério a responsabilidade de pregar o Evangelho santo do nosso Senhor Jesus Cristo.

## 2. A INGLATERRA NO TEMPO DE SPURGEON

Charles Haddon Spurgeon nasceu em 1834 e morreu em 1892. Nesse período a rainha Vitória (1819–1901)<sup>2</sup> ocupava o trono da Inglaterra. Em Londres havia apenas cavalos, carruagens e carroças trafegando nas ruas e não havia nenhuma norma de trânsito, por isso, ficava muitas vezes paralisado. As ferrovias estavam sendo ampliadas, mas os trens eram muito lentos, e a viagem dos passageiros era desconfortável e frequentemente suja de fumaça e resíduos de carvão. Os banheiros das casas dos ricos e da classe média estavam, lentamente, recebendo água corrente. Os pobres nem conheciam esse novo recurso. O aquecimento era feito, em grande parte, com a queima de carvão, e a iluminação era feita com lâmpadas a óleo ou a gás. Os mais pobres continuavam usando velas ou candeias. Em geral permanecia o sistema de classes. A classe alta possuía riquezas e privilégios, mas às outras classes eram negados quaisquer privilégios. Além disso, havia muita pobreza, ignorância, doenças e necessidades. Os asilos, onde os pobres poderiam buscar refúgio, eram muito ruins e os internos teriam que conseguir algum trabalho para livrarem-se do pior. Havia muitas crianças sem lar que ficavam nas ruas sem nada para fazer, por isso, cometiam pequenos crimes para manterem-se vivas.

A Igreja da Inglaterra era a religião do Estado. Era sustentada pelo governo e desfrutava de privilégios que eram negados a todos os que não constavam em seu rol de membros. As organizações não-conformistas, como: os metodistas, os congregacionais, os batistas e os presbiterianos, tinham obtido grande crescimento resultante do avivamento ocorrido sob a liderança de Whitefield e dos Wesley durante séculos anteriores. Sendo que, na época de Spurgeon, esse ardor evangélico esfriara e o que restara em grande parte da

---

<sup>2</sup> A rainha Vitória aos 20 de junho de 1837, com apenas 18 anos, ascendia ao trono de Inglaterra. O seu reinado durou 63 anos e 7 meses e foi o mais longo, até à data, da história do Reino Unido e ficou conhecido como a Era Vitoriana. Foi um período de mudança industrial, cultural, política, científica e militar no Reino Unido e ficou marcado pela expansão do Império Britânico. O Reino Unido era já uma monarquia constitucional estabelecida, na qual o soberano tinha relativamente poucos poderes políticos diretos. Em privado, Vitória tentou influenciar o governo e a nomeação de ministros. Em público tornou-se um ícone nacional e a figura que encarnava o modelo de valores rigorosos e moral pessoal. Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria\\_do\\_Reino\\_Unido](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_do_Reino_Unido), consultado em 23 de junho de 2011.

igreja era um formalismo árido<sup>3</sup>. As Escrituras eram respeitadas; e, fora milhares de pessoas insensíveis ao Evangelho. A frequência à igreja era costume geral. Foi um período que quase não se via mudanças. Na década de 1850 havia um cristianismo elegante, muito respeitável, e em grande paz com o mundo. A igreja não tinha falta de riqueza, havia pessoas dignas, mas lamentavelmente lhe faltavam unção e poder. Havia eloquência e cultura nos púlpitos, mais era perceptível a ausência de pregações que quebranta o coração dos homens. A igreja era exteriormente próspera e interiormente pobre.<sup>4</sup>

Foi nesse contexto que Spurgeon se decidiu na tarefa de proclamar a mensagem transformadora do evangelho de Jesus Cristo. Ele viu esse poder alcançar e converter milhares de vidas.<sup>5</sup>

## 2.1 BIOGRAFIA DE CHARLES HADDON SPURGEON

Eis aí, verdadeiramente, um extraordinário homem de Deus, um dos maiores pregadores de toda a história cristã. Confesso a dificuldade que tenho experimentado para retratar uma personalidade tão tremenda. Não obstante, terei sido bem-sucedido, se muitos vierem a conhecê-lo melhor e forem tanto instruídos como inspirados por seu poderoso exemplo.<sup>6</sup>

Descendente de huguenotes<sup>7</sup>, tanto o avô, o Reverendo James Spurgeon, como o seu pai, Pastor John Spurgeon, foram pastores congregacionais piedosos, que estavam entre os protestantes do século XVII que saíram da França para encontrar refúgio na Inglaterra para fugir das perseguições movidas pelos católicos romanos.<sup>8</sup>

---

<sup>3</sup> DELLIMORE, Arnold A. *Spurgeon: Uma Nova Biografia*, São Paulo: PES, 2008, p. 15-17.

<sup>4</sup> MURRAY, Iain . *O Spurgeon que foi Esquecido*, São Paulo: PES, 2004, p.39.

<sup>5</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 17.

<sup>6</sup> Ibid., p. 11.

<sup>7</sup> Huguenote é a denominação dada aos protestantes franceses (quase sempre calvinistas) pelos seus inimigos nos séculos XVI e XVII. A rivalidade entre católicos e protestantes resultou nas guerras religiosas, que dilaceraram a França do século XVI. Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Huguenote>, consultado em 23 de junho de 2011.

<sup>8</sup> Ibid., p.21.

## 2.1.1 O nascimento e a infância de Spurgeon

Spurgeon nasceu no dia 19 de junho de 1834 na cidade de Kelvedon, no Condado de Essex. Deste lugar não tinha lembrança, pois seu pai se mudou com a família para Colchester, quando tinha apenas 10 meses de nascido. Era o primeiro dos dezessete filhos que os Spurgeons tiveram, dentre os quais morreram nove ainda na infância. Charles e James Archer eram os únicos garotos.<sup>9</sup>

Com a idade de 1 aos 6 anos morou em Stambourne, com os avós paternos<sup>10</sup>. O pequeno Charles teve o privilégio de passar muito tempo na companhia de seu avô. James Spurgeon era uma pessoa inteiramente despretensiosa, e, apesar de estar com quase sessenta anos de idade, havia muito de jovem nele. Assim, foi, é claro, muito influenciado por seu avô, e por uma tia chamada Ana, que também morava ali. Foi ela que o ensinou a ler e escrever. Desde cedo foi um ávido leitor. Foi nesse tempo que ele encontrou-se com as ilustrações do livro de Bunyan, *Pilgrim's Progress* (O Peregrino) e disse: “Quando eu vi nele, pela primeira vez, a gravura do cristão carregando o fardo nas costas, interessei-me tanto pelo pobre sujeito que achei que devia pular de alegria quando, depois de o ter carregado por tanto tempo, finalmente ficou livre dele.”<sup>11</sup>

Enquanto as crianças brincavam, Spurgeon podia ser visto sempre debruçado nos livros. Quando tinha ainda cinco ou seis anos de idade, lendo privadamente e também em público, durante o culto doméstico. Alguém que se diz “Contemporâneo” escreveu: “Mesmo aos seis anos de idade, quando algumas crianças não vão além da capacidade de soletrar palavras de uma só sílaba, ele podia ler com pontuação e ênfase realmente maravilhosa numa criança tão jovem.”<sup>12</sup>

Em todas as férias, no verão, Spurgeon passava em Stambourne com seus avós. No ano de 1844, o jovem Spurgeon, ainda com dez anos, estava passando as férias de verão com seus avós. Foi quando seu avô convidara um ex-missionário, Richard Knill, para

---

<sup>9</sup> LIMA, Elias Pereira de. **Spurgeon e a doutrina da expiação**. Pará, 2007: TCC não publicado, p.13.

<sup>10</sup> Sua mãe só tinha dezoito anos de idade quando ele nasceu, e a chegada de outro bebê, Eliza, dentro do ano seguinte foi, provavelmente, o motivo da mudança. Cf. Arnold A. Dallimore, Spurgeon – Uma Nova Biografia, p.22.

<sup>11</sup> MURRAY, Iain . *The Early Years* (Londres: Banner of Truth, 1962, p.85. *Apud*, Arnold A. Dallimore, Spurgeon – Uma nova biografia, p.26.

<sup>12</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p.26.

visitar a sua igreja. Knill era missionário da Sociedade Missionária de Londres. Ele tinha um verdadeiro espírito missionário, pois estava em busca das almas dos jovens e dos adultos. Por três dias consecutivos ensinou o pequeno Charles a respeito do amor de Jesus e as bênçãos que é acreditar nEle e amá-Lo quando ainda se é criança. Knill ficou muito impressionado com o menino quando lia a Bíblia diariamente nos cultos domésticos e fez a seguinte declaração: “Tenho ouvido velhos e jovens ministros lerem bem, mas nunca antes eu ouvira um menino ler tão corretamente”. Também acreditava que o menino certamente seria um ministro, e, quando estava se despedindo do lar que o hospedara, estando a família em pé ao redor dele, Knill pôs o menino sobre o joelho e fez o seguinte pronunciamento: “Este menino um dia vai pregar o evangelho, vai pregá-lo a grandes multidões, e estou persuadido de que vai pregar na capela de Rowland Hill.”<sup>13</sup> Era uma das maiores capelas de Londres. Ele falou tão solenemente, que chamou todos os que estavam presentes para testificar o que tinha dito e fez Spurgeon prometer que quando pregasse naquela capela, cantaria o hino: “Deus se move de maneira misteriosa, para efetuar suas maravilhas”.<sup>14</sup> Esta profecia de fato se cumpriu na vida deste grande pregador, e acerca dela ele relata anos depois: “Eu preguei na Capela de Rowland Hill, e o hino foi cantado. Naquela ocasião eu não pude descrever minhas emoções, pois a palavra do servo do Senhor tinha sido cumprida”.<sup>15</sup>

Ainda aos dez anos, Charles, já tinha bom conhecimento do latim, algum conhecimento do grego e de filosofia, e estava familiarizado com a teologia puritana. Seu avô tinha muitas obras desses autores, e nos verões que passava com ele teve oportunidade de ler escritos de Bunyan, Fox, John Owen, Richard Sibbes, John Flavel e Matthew Henry. Além disso, desde criança foi-lhe permitido participar da conversas e debates teológicos de outros ministros com seu pai e seu avô.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p.31.

<sup>14</sup> LIMA. Op. Cit., p. 17.

<sup>15</sup> Ibid., p. 3. Desde o dia em que o referido missionário partiu de Stambourne, Spurgeon nunca mais o viu ou ouviu falar do paradeiro dele, até que, no início do ano de 1853 – quando tinha dezenove anos e pastoreava a Igreja Batista de Waterbeach -, viu um anunciado que este estaria pregando no Teatro de Chester. Escreveu-lhe, então, uma carta, trás todos os fatos à memória do missionário Knill. E finaliza a carta dizendo o seu desejo de servir a Deus com todas as duas forças, e atribui, em grande parte, ao missionário o fato de fazer parte do exército do Deus vivente. Cf. Charles Spurgeon, The Letters Op Charles Haddon Spurgeon, PP.16-17. Apud., LIMA, Elias Pereira de, Spurgeon e a Doutrina da Expição – Uma investigação histórico-teológico. p.17.

<sup>16</sup> ANGLADA, Paulo. **Spurgeon e o evangelicalismo moderno**. São Paulo: Os Puritanos, 1996, p.3.

A precocidade do jovem Charles chamava a atenção de todos a seu redor. Ele deixava surpresos os diáconos e as senhoras que se reuniam na casa do seu avô nas noites de domingo, propondo assuntos para a conversão e fazendo pertinentes observações sobre eles. E havia, naquele período inicial da sua vida, palpáveis indicações do caráter resoluto e do discurso ousado pelos quais ele veio a ser tão notável.<sup>17</sup>

A vida no lar de Spurgeon foi edificada ao redor das Escrituras. Quando o seu avô recebia os irmãos para que os aconselhassem e orassem com eles em seus problemas, por muitas vezes colocou o menino Spurgeon ao seu lado. Spurgeon não somente lia a Bíblia, mas também cria com inquestionável certeza em sua inerrância. As orações eram feitas com a plena percepção de que Deus as ouvia e respondia de acordo com a Sua soberania e vontade. Os padrões bíblicos eram aceitos alegremente, e a desonestidade, ou a malícia ou qualquer outro gênero eram inteiramente desconhecidos dele.<sup>18</sup>

Quando ainda era menino, Charles revelou forte coragem moral. Por exemplo, sabedor de que seu avô se afligira com a conduta de um dos membros da sua igreja que tinha começado a freqüentar uma taverna, ele marchou ousadamente até aquele local e o confrontou. O homem, Thomas Roads, disse sobre o assunto:<sup>19</sup>

Pensar em um homem idoso como eu ser chamado às falas... por um pedaço de gente como esse! Bem, ele simplesmente apontou o dedo para mim, e disse: “Que fazes aqui, Elias?, sentado junto com os ímpios; e o senhor, membro da igreja, e partindo o coração do seu pastor. Tenho vergonha do senhor! eu não gostaria de partir o coração do meu pastor, disso estou seguro”. E foi embora... eu sabia que ele tinha razão, e que eu era culpado; então joguei fora o meu cachimbo, não toquei na minha cerveja, mas corri para um canto isolado e me prostrei diante do Senhor, confessando o meu pecado e pedindo perdão.<sup>20</sup>

O senhor Thomas Roads foi, comprovadamente, restaurado, e ele se tornou um cooperador zeloso na obra do Senhor. Spurgeon demonstrou forte censo de justiça desde criança e demonstrou através de toda sua via.<sup>21</sup>

Em 1841 chegou o tempo de deixar a casa de seus avós e voltar a casa de seus pais em Colchester. Spurgeon tinha ficado um bom tempo com eles e agora para se despedir e

---

<sup>17</sup> DELIMORE. p.21.

<sup>18</sup> Ibid., p. 25.

<sup>19</sup> Ibid., p. 27.

<sup>20</sup> Ibid., p. 27.

<sup>21</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 27.

partir era muito difícil para uma criança de apenas seis anos. Seu avô também tinha se apegado muito ao querido neto e também para ele era difícil se despedir daquele que lhe trouxera muita alegria e companheirismo ao lar dos Spurgeons. Anos mais tarde Spurgeon faria menção deste dia, o qual marcou a sua vida, com a seguinte lembrança:

Lembro-me quando eu deixei meu avô, quão triste eu fiquei de me separar dele; esta foi a grande tristeza de minha pequena vida. Vovô parecia muito triste também, e nós choramos juntos; ele nem sabia ao certo o que dizer para mim, mas disse: “agora filho, hoje à noite, quando a Lua brilhar em Colchester, e você olhar para ela, não esqueça que ela é a mesma Lua que seu avô estará olhando de Stambourne”; e por anos, como uma criança, eu amava a Lua porque eu pensava que os olhos de meu avô e os meus se encontravam lá em alguma parte dela.<sup>22</sup>

Quando o menino Spurgeon chegou a Colchester foi recebido por seus pais – Eliza e John Spurgeon -, duas irmãs – Eliza e Emily (mais novas que James) - e um irmão – James Archer Spurgeon (quase três anos mais novo que Charles). Lá recebeu uma educação de boa qualidade e seus pais se preocuparam com o bem espiritual do pequeno Charles, criando-o no temor do Senhor. O próprio Spurgeon depois escreveu o seguinte:

Eu fui privilegiado com pais piedosos que vigiavam com olhos zelosos, que dificilmente permitiam que me misturasse com uma amizade duvidosa, que me advertiam a não ouvir qualquer coisa profana ou imoral e que me ensinaram o caminho de Deus desde a minha infância.<sup>23</sup>

A mãe de Spurgeon, a senhora Eliza, era uma mulher que orava pelos seus filhos. Além disso, mencionava o nome de cada um deles ao Senhor. John Spurgeon, pai do Charles, relatou o seguinte:

Eu ficava fora de casa um bom tempo, tentando edificar congregações fracas, e senti que estava negligenciando o treinamento religioso de meus próprios filhos, enquanto labutava pelo bem dos outros. Eu voltei para casa com estes sentimentos, abri a porta, fui surpreendido em não encontrar nenhuma das minhas crianças ao redor. Subindo as escadas sem fazer barulho, eu vi a voz de minha esposa. Ela estava empenhada em oração com as crianças. Eu ouvi sua oração por eles, citando cada um pelo nome. Ela chegou em Charles e orou

---

<sup>22</sup>LIMA. Op. Cit., p. 15. *Apud*, James T. Allen, *Life Story of C. H. Spurgeon*. Elias Pereira de Lima, Spurgeon e a Doutrina da Expição.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 15.

especialmente por ele. Eu avalei e disse: “Senhor, eu continuarei com o Teu trabalho, as crianças serão bem cuidadas”.<sup>24</sup>

Logo, o menino Charles, tornou-se o líder de seus irmãos, não só por ser o mais velho, mas também porque possuía fortes qualidades de liderança.<sup>25</sup>

Naquele tempo não havia nenhum sistema de educação gratuita, e grande número de crianças permanecia analfabeta. John Spurgeon queria que os seus filhos tivessem uma educação de qualidade, mas também que ele pudesse pagar. Charles foi colocado numa escola pequena dirigida por uma professora chamada Sra. Cook, e ele demonstrou que era um excelente estudante. Por isso, o seu pai declarou:

Charles era uma criança, um menino, saudável, com boa constituição, tinha disposição afetuosa e era muito estudioso. Estava sempre lendo livros – nunca mexendo no jardim ou alimentando pombas, como os outros meninos faziam. Eram sempre livros e livros. Se sua mãe queria dar uma volta com ele, sabia que ia encontrá-lo em meu gabinete, esparramado sobre um livro. Claro está que ele era inteligente, e inteligente em muitos ramos dos estudos. Ele aprendeu a desenhar bem.<sup>26</sup>

Embora o pai de Charles possuísse uma boa quantidade de livros teológicos, ele tinha a seu dispor muito mais, pois no verão ele voltava à casa do seu avô, em Stambourne. Sem dúvida, quando Charles tinha nove ou dez anos, lia e entendia os conteúdos teológicos que escreveram homens extraordinários como John Owen, Richard Sibbes, John Flavel e Matthew Henry. Com todo esse alimento espiritual, ele tinha as devidas condições de raciocinar os prós e os contras em sua própria mente. Posteriormente ele declarou:

Posso dar testemunho de que as crianças podem entender as Escrituras; pois estou certo de que, quando ainda não passava de criança, eu poderia ter discutido muitos pontos difíceis de teologia controvertida, tendo ouvido os dois lados da questão francamente expostos entre os que pertenciam ao círculo de amigos de meu pai.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 15.

<sup>25</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 28.

<sup>26</sup> Ibid., pp. 28-29.

<sup>27</sup> Ibid., p. 29.

O pastor John e sua esposa Eliza, apesar de estarem sempre preocupados com a formação acadêmica dos seus filhos, eles estavam mais interessados com o bem-espiritual deles. Sendo assim, a responsabilidade caía mais sobre a esposa, ela era uma mulher excepcionalmente devota e graciosa, e seu filho James declarou: “Ela foi o ponto de partida de toda a grandeza e bondade que qualquer de nós, pela graça de Deus, acaso tem”. E Charles também comenta com profundo amor e gratidão, fala do empenho e preocupação de sua mãe quanto o cuidado com as almas das crianças: “Não me é possível dizer quanto devo às sérias palavras de minha mãe...”, e ele escreve:

Lembro-me de uma ocasião em que ela orou assim: “Agora, Senhor, se meus filhos forem adiante em seus pecados, não será por ignorância que eles perecerão, e minha alma terá que dar pronto testemunho contra eles no dia do juízo, se eles não se apegarem a Cristo”. Pensar em minha mãe dando pronto testemunho contra mim feriu minha consciência... Como posso esquecer-me de quando ela dobrava seus joelhos e, com seus braços em torno do meu pescoço, orava: “Oh, que meu filho viva em Tua presença!”<sup>28</sup>

O Príncipe dos Pregadores escreve em sua “Autobiografia” a impressão deixada por sua mãe e apresenta sua gratidão a Deus por ela:

Pais e mães são os agentes mais naturais que Deus usa na salvação de seus filhos. Tenho certeza que na minha infância, nenhum outro ensinamento deixou tal impressão em minha mente como a instrução de minha mãe; nem posso imaginar que, para qualquer criança, pode haver alguém com tal influência sobre um jovem coração que uma mãe que tão carinhosamente cuida de sua descendência. [...] Certamente, não tenho palavras para expressar minha gratidão ao Senhor por Sua bendita escolha: em ter-me feito o filho de uma genitora que orava por mim e orava comigo.<sup>29</sup>

Dos dez aos quatorze anos de idade, em Colchester, Charles estudou em outra escola, *The Stockwell House School* (O Educandário Stockwell). Essa instituição estava incluída entre as que possuíam os mais altos padrões de qualidade acadêmica. Nesse período, começou a estudar com o Sr. Leeding,<sup>30</sup> que lhe ensinou além das matérias de inglês, o

---

<sup>28</sup> Ibid., p. 29.

<sup>29</sup> LIMA. Op. Cit., p. 16. C.H. Spurgeon’s Autobiography, vol. 1, Op. Cit, pp. 72-73, *Apud*, LIMA, Elias Pereira de, Spurgeon e a Doutrina da Expição – Uma investigação histórico-teológico.

<sup>30</sup> Ibid., p. 16. Este foi também o seu professor em Cambridge em 1850. Cf. C.H. Spurgeon’s Autobiography, vol 1, Op. Cit, p. 201, *Apud*, LIMA, Elias Pereira de, *Spurgeon e a Doutrina da Expição – Uma investigação histórico-teológico*.

latim e o Frances, e isso durou por um espaço de quatro anos.<sup>31</sup> Um colega de estudos, escrevendo mais tarde, relatou:

O Senhor Leeding era o professor de literatura clássica e de matemática; seu ensino foi da melhor qualidade e em Charles Spurgeon ele tinha um aluno cuja mente era muito receptiva, especialmente quanto ao latim e a Euclides... em ambas estas matérias ele estava muito adiantado.<sup>32</sup>

Foram quatro anos de muita disciplina mental e excelente crescimento em conhecimento.

Spurgeon era um bom estudante, sempre obtinha as melhores notas. Como o apóstolo Paulo, avantajava-se a muitos de sua idade; e o seu caráter, especialmente o seu amor pela verdade, era notório. Ele possuía um vocabulário que só os de mais idade possuíam, graças, é claro, à companhia de pastores que freqüentaram a casa tanto dos pais quanto dos avós dele.<sup>33</sup>

Quando completou quatorze anos, ele e seu irmão James foram transferidos, por seus pais, para estudar na Escola de Agricultura Santo Agostinho, na cidade de Maidstone, cidade que fica 61 km a sudeste de Londres. Um dos seus tios era o diretor da escola e os meninos hospedavam na casa dele. Durante o tempo que estudou nessa escola, Spurgeon envolveu-se em duas das suas ousadias natas. A primeira discussão que ele teve foi com um clérigo da Igreja da Inglaterra, professor de religião, sobre o batismo. O segundo ocorreu quando ele corrigiu o seu tio quando cometeu um erro de matemática – ato pelo qual ele foi disciplinado. Depois o seu tio reconheceu sua habilidade em matemática e permitiu que ele produzisse um conjunto de cálculos, que resultou em benefício a uma firma de seguros em Londres num período de meio século. Spurgeon, era um moço de profunda sensibilidade e bom em todos os aspectos, inteiramente integro e honesto; ele era versado nas obras dos seus escritores preferidos – os teólogos puritanos.<sup>34</sup>

Seu irmão James que o conhecia melhor do que ninguém escreveu:

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 16. C.H. Spurgeon's Autobiography, vol 1, Op. Cit, p. 201, *apud.*, LIMA, Elias Pereira de, *Spurgeon e*

<sup>32</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 32.

<sup>33</sup> LIMA. Op. Cit., p.16.

<sup>34</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 33.

Charles nunca fez outra coisa, senão estudar. Eu lidava com coelhos, frangos, porcos e com um cavalo; ele vivia com os livros. Enquanto eu ficava ocupado aqui e ali, mexendo com toda e qualquer coisa que um rapaz conseguia tocar, ele vivia com os livros, e não conseguia parar de estudar. Mas, apesar de ele não querer nada com outras coisas, era rapaz de dizer tudo sobre elas, porque costumava ler a respeito de tudo, com uma memória tão tenaz como um torninho e tão copiosa como um celeiro abarrotado.<sup>35</sup>

No verão de 1849, Charles entrou em mais outra escola, situada na cidade de Newmarket. Cidade que fica 110 km ao norte de Londres, onde passou mais de um ano como aluno e monitor (professor de tempo parcial)<sup>36</sup> e então partiu para Cambridge, onde encontrou novamente o amigo professor, Sr. Leeding,<sup>37</sup> e assim pôde aprimorar mais seus conhecimentos em latim, hebraico e grego.

## 2.1.2 A conversão de Spurgeon

Uma experiência que seja temperada com um profundo e amargo sentimento de pecado é de grande valor para aquele que a tem. É terrível ao beber, mas é sumamente agradável nas entranhas, e em toda a vida daí por diante. Possivelmente, muito da débil piedade da presente hora provém da facilidade com que os homens alcançam paz e alegria nestes dias evangélicos. Não queremos julgar os convertidos modernos, mas certamente preferimos aquela forma de exercício espiritual que conduz a alma pelo caminho da Cruz do Pranto, e que faz com que ela enxergue a sua nódua trevosa antes de garantir-lhe que ela “está alva como a neve”. É grande demais o número dos que pensam levianamente sobre o pecado e, por conseguinte, pensam levianamente sobre o Salvador. O homem se coloca diante do seu Deus, convicto dos seus pecados e sentindo-se condenado, com a corda no pescoço, esse é o homem que está pronto a chorar de alegria quando perdoado, a odiar o mal que lhe foi perdoado e a viver para a honra do Redentor, por cujo sangue ele foi purificado.<sup>38</sup>

Apesar de ter ouvido, desde criança, o plano da salvação pelo sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário, e de ter lido muitos excelentes escritores puritanos, Spurgeon não via nenhuma aplicação dessa verdade a si próprio. Tentava orar, mas, diz ele:

---

<sup>35</sup> Ibid., *Apud* Pike, James Archer. *Spurgeon.*, p. 23.

<sup>36</sup>Ibid., p. 34.

<sup>37</sup>LIMA. Op. Cit., p. 17.

<sup>38</sup> Ibid., p. 17.

A única oração completa era: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!” O esmagador esplendor da majestade de Deus, a grandeza do Seu poder, a severidade da Sua justiça, o caráter imaculado da Sua santidade, e toda a sua terrível magnificência – essas coisas deixavam minha alma cansada, e eu caía em completa prostração de espírito.<sup>39</sup>

Ele ainda não tinha nascido de novo. Ele permanecia cego espiritualmente e não podia ver a salvação. Ele precisava de uma intervenção de Deus, para desvendar a mensagem do Evangelho em seu coração.

A grande experiência transformadora, isto é, a sua conversão, foi precedida por uma longa e amarga convicção de pecado e um anseio pela salvação. Spurgeon relatou essa situação com frequência em seus sermões e também em sua *Autobiografia*, e, nela dedicou um capítulo inteiro. Ele tentou estabelecer palavras para explicar a agonia que sofreu: “Eu preferiria”, diz ele, “passar por sete anos da mais debilitante enfermidade, a ter que passar de novo pela terrível descoberta do mal do pecado”. Essa dura experiência começou quando ainda era muito jovem, ao analisar as figuras do livro *O Peregrino*, de Bunyan, que retrata o fardo pesado do pecado. Ele sabia que, como o Peregrino, estava levando em seus lombos um pavoroso fardo, que ele próprio não podia removê-lo. Ele era um menino honesto e íntegro, que lia a Bíblia e as obras de grandes escritores puritanos. Além disso, ouvia com muita atenção as discussões teológicas, e nessa época, tinha mais ou menos dez anos de idade. Essas experiências o conduziram a um grande conhecimento da doutrina cristã.<sup>40</sup> Chegou o grande dia. Charles tinha 15 anos e meio de idade, no dia 6 de janeiro de 1850, enquanto fazia uma visita em Colchester. Ele testifica da sua conversão:

Às vezes fico pensando que poderia estar nas trevas e no desespero até agora, se não tivesse sido a bondade de Deus ao enviar uma nevasca, no domingo de manhã, enquanto estava indo a certo lugar de oração. Quando não pude mais ir adiante, desci a rua ao lado e cheguei a uma pequena capela Metodista primitiva. Naquela capela deveria haver uma dúzia ou quinze pessoas [...]. Porém, um homem de aparência magra, um sapateiro, ou alfaiate, ou qualquer coisa desse tipo, subiu ao púlpito a fim de pregar. [...]. O texto era: “*Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro.*”<sup>41</sup> [...] Depois que tinha pregado pouco mais de dez minutos, já estava no fim da sua pregação quando olhou para mim sob a galeria [...], fixou seus olhos em mim como se conhecesse todo o meu coração: “Jovem, você parece tão miserável!”.

---

<sup>39</sup>MURRAY, Iain. *Apud* DELLIMORE. In *The Early Years* (Os Primeiros Anos), (Londres: Banner of Truth, 1962), p.59. *Apud.*, Arnold a. Dallimore, Spurgeon – Uma nova biografia, p.36.

<sup>40</sup> MURRAY. *Op. Cit.* *Apud* DELLIMORE. In *The Early Years* (Os Primeiros Anos), (Londres: Banner of Truth, 1962), p. 34.

<sup>41</sup> Isaias 45.22.

Bem, eu parecia; mas não estava acostumado a ouvir estas declarações de púlpito sobre minha aparência pessoal antes. No entanto, foi um bom sopro que derrubou a casa. Ele continuou: “e você sempre será miserável – miserável na vida, e miserável na morte, se você não obedecer a meu texto; mas se você obedecer-lhe agora, neste momento, você será salvo”. Então, erguendo as mãos, bradou como só um metodista primitivo pode fazer: “Jovem, olhe para Jesus Cristo! Olhe! Olhe! Você não tem nada a fazer senão olhar e viver!”. Eu vi de uma vez o caminho da salvação. [...]. Oh! Eu olhei até quase não podia tirar os olhos! Então a nuvem se foi, as trevas foram retiradas, e naquele momento eu vi o Sol.<sup>42</sup>

Em 30 de janeiro de 1850, de Newmarket, poucos dias da sua conversão, Charles escreve uma carta ao seu querido pai, e fala da alegria de ser salvo pelo nosso Senhor Jesus Cristo, da comunhão que gozava com Ele através da oração, da leitura de Sua palavra e da certeza de que foi implantado em seu ser, que não viera de si mesmo, mas do Espírito Santo.<sup>43</sup>

Ele abriu os meus olhos! Agora O vejo, posso firmemente crer nEle para a minha salvação eterna. [...] Quão doce é a oração! Ficaria sempre encorajado nela. Quão maravilhosa é a Bíblia! Nunca a amei tanto antes; ela é para mim como alimento indispensável. Sinto que não tenho qualquer partícula de vida espiritual em mim, salvo a que foi posto pelo Espírito. Sinto que não posso viver se Ele partir. Tremo e temo em entristecê-Lo. Temo que a indolência me vença, e assim, desonre o evangelho pela negligência da oração, da leitura das Escrituras, ou em pecar contra Deus.<sup>44</sup>

Spurgeon, de fato passou a ser uma nova criação de Deus. Todos os seus terríveis sofrimentos pelo pecado foram cessados. A partir dessa experiência, tudo era novo diante dele. Essas experiências lhe atingiram profundamente a ponto de ele detestar a iniquidade e amar a santidade. Lições que permaneceram para sempre em seu coração. Esses sentimentos permearam para o restante a sua vida e influenciaram grandemente o seu ministério pastoral.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup> LIMA. Op. Cit., p. 16.

<sup>43</sup> Ibid., p.19.

<sup>44</sup> Ibid., p. 19.

<sup>45</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 41.

### 2.1.3 O batismo de Spurgeon

Após ter se convertido, Spurgeon voltou para Newmarket e ali reassumiu as suas atividades, onde também procurou uma igreja para congregar-se, pois acreditava que não poderia ser feliz sem a comunhão com o povo de Deus.<sup>46</sup>

Agora tudo era diferente. Com seu espírito revigorado pela alegria, a Bíblia resplandecia de glória, e a oração abria as próprias portas do céu para a entrada da sua alma que ansiava. Ele queria, acima de tudo, entregar-se totalmente a Deus, e redigiu e assinou um pacto entre si e o seu Senhor, declarando solenemente a sua determinação:

Ó Deus grandioso e insondável, que conheces o meu coração e sondas todos os meus caminhos: com humilde dependência do sustentáculo do Teu Santo Espírito, rendo-me a Ti; como o Teu próprio sacrifício racional, devolvo a Ti o que é propriamente Teu. Quero ser Teu para sempre, incondicional e perpetuamente; enquanto eu estiver na terra, quero servir-Te; e possa eu fruir-Te e louvar-Te para sempre. Amem. Primeiro de fevereiro de 1850. Charles Haddon Spurgeon<sup>47</sup>

Contudo, Spurgeon encontrou certa resistência por parte do pastor da Igreja Congregacional de Newmarket, para filiar-se a nova congregação:

Certamente muitos ministros teriam se regozijado em ver tal jovem entrar em sua comunidade, mas este pastor não o quis. Spurgeon o visitou no gabinete pastoral, mas o ministro recusou-se a vê-lo. Visitou-o pela segunda vez, e o resultado foi o mesmo. Visitou-o mais duas vezes, mas em cada ocasião havia algum obstáculo que impedia a entrevista. No entanto, ele recusou-se a ser repudiado dessa forma, e escreveu ao ministro um bilhete declarando que na próxima reunião de meio de semana colocar-se-ia em pé e se apresentaria como candidato a membro da sua igreja. Em vista disso, o ministro cedeu, e Charles foi recebido na igreja.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> LIMA. Op. Cit., p. 19.

<sup>47</sup> MURRAY. *Apud* DELLIMORE. In. *The Early Years* (Londres: Banner of Truth, 1962), p.125,A. Dallimore, *Spurgeon – Uma nova biografia*, p.41.

<sup>48</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p.44.

Depois de ter sido aceito como membro, em 4 de abril de 1850.<sup>49</sup> Spurgeon, começou a ensinar na Escola Dominical e a fazer parte da Associação de Pregadores Leigos. Seu primeiro sermão foi pregado em uma pequena congregação rural.<sup>50</sup>

Havia um motivo para a reticência do ministro: Charles não era congregacional de coração. [...]. Mas, embora se regozijasse no evangelho que eles pregavam, discordavam deles na questão do batismo. Eles praticavam o batismo infantil, ele fora batizado na infância por seu avô. Mas agora ele tinha passado a acreditar que o batismo bíblico era algo diferente – que era ser “sepultado com Cristo” – a imersão daquele que cresce em Cristo para a salvação.<sup>51</sup>

Essa convicção na mente de Charles ficou clara quando da discussão com o clérigo da Igreja da Inglaterra, que era seu professor de religião na escola de Maidstone. O clérigo lhe dissera que “a fé e o arrependimento” eram requisitos para o batismo, uma vez que nenhuma criança pequena possuía tais qualidades. Concluiu-se que Charles não tinha se batizado verdadeiramente, e declarou que “todas as pessoas das quais a Bíblia declara que foram batizadas eram crentes”.<sup>52</sup>

Pois isso, Charles recusou-se a participar da ceia do Senhor na Igreja Congregacional que era membro. Pois, entendia que enquanto criança não tinha se arrependido para ser batizado e, por isso, não se considerava apto a participar desse tão importante memorial.<sup>53</sup>

Spurgeon, convicto da necessidade de batizar-se. Sabendo que havia um ministro batista próximo que era o Reverendo W. W. Cantlow, de Isleham Ferry, um vilarejo há oito milhas de Newmarket, e escreveu-lhe uma carta relatando a sua conversão e o entusiasmo com que demonstrou o seu desejo de ser batizado. Provavelmente, o reverendo Sr. Cantlow, ficou radiante de alegria ao saber de um jovem como esse, alegremente concordou em batizá-lo.<sup>54</sup> Como bom filho, escreveu também aos seus pais pedindo consentimento para ser batizado por imersão. Seu pai demorou a responder, mas finalmente lhe escreveu dando-lhe o seu consentimento, com alguma relutância, inclusive o advertiu que não confiasse no batismo como ajuda para a salvação, e sim, confiar unicamente em Cristo. Como resposta, diante de Deus, Spurgeon escreveu em seu diário:

---

<sup>49</sup> LIMA. Op. Cit., p. 19.

<sup>50</sup> ANGLADA. Op. Cit., p. 5.

<sup>51</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 44-45.

<sup>52</sup> Ibid, p. 45.

<sup>53</sup> LIMA. Op. Cit., 20.

<sup>54</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 46.

“Meu Deus, Tu sabes que tenho aversão por tal pensamento”. A Sra. Eliza também lhe deu a permissão, mas não foi de todo o coração. “Ah, Charles, orei muitas vezes ao Senhor, rogando-lhe que o tornasse cristão, mas nunca pedi que você se tornasse batista!” Charles lhe respondeu com seu censo humor dizendo: “Ah, mãe, o Senhor respondeu à sua oração com Sua usual generosidade e lhe deu infinitamente mais do que a senhora pediu ou pensou”.<sup>55</sup> O Sr. Cantlow marcou o batismo para 3 de maio daquele mesmo ano, Sobre aquele dia ele comenta:

O vento soprava rio abaixo com rajadas correntes, quando chegou a minha vez de adentrar a torrente, mas, depois que dei alguns passos e notei pessoas na balsa, em barcos e em ambas as margens, senti que o céu, a terra e o inferno podiam contemplar-me, pois já não me sentia envergonhado, vendo-me ali e naquele instante como um seguidor do Cordeiro. Minha timidez foi levada pelas águas;... nunca senti nada parecido depois disso. O batismo soltou também a minha língua... Perdi mil temores no Rio Lark, e vi que “em guardar os Seus mandamentos há grande recompensa”.<sup>56</sup>

Depois do culto do batismo, várias pessoas de reuniram com o Sr. Cantlow no gabinete pastoral da sua igreja. Agora, neste culto, experimentando ainda maior deleite, o jovem Charles dirigiu o grupo na oração. As pessoas encantavam-se e choravam de alegria enquanto o ouviam. No dia seguinte voltou para Newmarket, foi quando se sentiu apto a participar da Ceia do Senhor. Visitava 70 pessoas regularmente no sábado, porque cria que o Senhor estava operando entre elas, e pela fé via pelo menos um só pecador constrangido a vir a Jesus. Logo foi convidado a dirigir a Palavra a toda a Escola Bíblica, isso todo domingo. Seu zelo é exposto nesta sua declaração: “Tenho me esforçado para falar como um individuo moribundo a indivíduos moribundos”. E não se dirigia só a crianças, mas vários adultos também começaram a vir ouvi-lo – situação que provocou ainda mais o desprazer do ministro.<sup>57</sup>

Durante aquelas semanas, Spurgeon viu diante de si uma vida gasta na obra do ministério. No diário ele registrou muitas expressões interessantes: “Faze-me Teu servo fiel, ó meu Deus; que eu Te honre em meu tempo e em minha geração, e que seja consagrado para sempre ao Teu serviço”. Quando escrevia aos seus pais: “Quanto espero pelo tempo em que agrade a Deus fazer de mim, como fez do senhor, meu pai, um

---

<sup>55</sup> Ibid., p. 46.

<sup>56</sup> Ibid., pp. 46-47.

<sup>57</sup> Ibid., p. 48.

pregador do evangelho de real sucesso”, e: “Espero que um dia o senhor possa ter motivo para regozijar-se por me ver, indigno instrumento de Deus, pregando a outros”. Suas declarações se tornaram evidências claras que estava experimentando um claro chamado para o ministério. Sendo assim, era inevitável que ele começasse a pregar o evangelho.<sup>58</sup>

## 2.2 O PRIMEIRO PASTORADO DE SPURGEON

No verão, mais precisamente no mês de agosto de 1850, Charles mudou-se para Cambridge. O seu pai, procurando a melhor educação possível para seu filho, tinha conversado com o Sr. Leeding pedindo-lhe para conseguir que o Charles fosse aceito na escola como aluno-professor. Esse pedido foi atendido prontamente pelo Sr. Leeding e ainda garantiu toda assistência que estivesse ao seu alcance para o prosseguimento dos estudos do rapaz, além disso, ofereceu um salário, a hospedagem e lavagem das roupas. Quando chegou à cidade, desejando associar-se ao povo de Deus, Spurgeon filiou-se à Igreja Batista da Rua Santo André (St. Andrew’s Street), que era a igreja mais respeitada de Cambridge, e começou a ensinar na Escola Dominical.<sup>59</sup> Enquanto o tempo passava, Charles Spurgeon crescia espiritualmente e fazia rápidos progressos na vida cristã, ele excedia a sua idade. Em atos e palavras ele parecia mais um homem de idade do que o jovem que ele era. O exemplo desse crescimento está na carta que escrevera para alegrar o coração triste de sua querida mãe:

Os arrebatados momentos de gozo, as santas horas de comunhão, os abençoados dias de sol em Sua presença, são garantias de segura, certa e infalível glória. Tomo nota das providências deste ano; quão claramente a senhora tem visto a mão de Deus em coisas que outros consideram mero acaso! Deus, que move o mundo, pôs em exercício o Seu imenso coração e o Seu amplíssimo pensamento em seu favor... Ele, que conta os fios de cabelo das nossas cabeças e que cuida de nós como a menina dos Seus olhos, não a esqueceu, mas continua a amá-la com Seu amor eterno. As montanhas ainda não se foram, os montes tampouco foram removidos, e até então podemos estar confiantes em que o Seu povo está seguro.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> DELLIMORE. Op. Cit., pp.49-50.

<sup>59</sup> LIMA. Op. Cit., p.21.

<sup>60</sup> DELLIMORE. Op. Cit., pp. 52-53.

Na Igreja Batista da Rua Santo André havia uma associação de pregadores leigos. Essa associação estava sob a direção de James Vinter, que era conhecido como “O Bispo”. Ele escalava os homens para que fossem às aldeias vizinhas ministrar a Palavra. O senhor Vinter imediatamente percebeu os extraordinários poderes que Spurgeon possuía de falar em público, e determinou-se a introduzi-lo no serviço de pregação laica. Primeiramente, ele pediu a Spurgeon que fosse a Teversham no domingo seguinte, à noite, explicando que “ia um jovem não muito acostumado com os cultos e que, provavelmente, ficaria muito contente em ter companhia”. Spurgeon concordou em ir e, no caminho ele foi informado que seria o pregador naquele culto. Embora assustado com a notícia, mas também feliz pela oportunidade, Spurgeon diz: “Fui andando quieto, elevando minha alma a Deus, e me pareceu que, certamente, eu poderia falar a uns poucos aldeões sobre a brandura e o amor de Jesus, pois eu mesmo sentia tal brandura e tal amor em minha alma”. O local do culto era uma cabana de sapé, e o auditório era composto, em suas palavras, de “alguns ingênuos trabalhadores da roça e suas esposas”. O texto que ele usou para essa mensagem foi: “Portanto, para vós, que credes, Ele é precioso” (cf. 1 Pedro 2:7), falou da graça e da glória de Cristo – que ele próprio a tinha recebido e que Cristo oferecia a todos os que viessem a Ele. Quando ele terminou a mensagem, uma senhora idosa, gritou: “Abençoado seja o seu coração...”, e os demais componentes da congregação ficaram entusiasmados e exigiram o seu retorno à aldeia.

Daquele dias em diante, Spurgeon sempre estaria ocupado, dia após dia, pregando nos vilarejos ao redor de Cambridge. E deu prosseguimento a seus próprios estudos, sob a supervisão e direção do Sr. Leeding. Seu irmão James disse: “Ele fez tal progresso em seus estudos que estou certo que havia poucos jovens que se lhe igualavam.” Dallimore conclui com a seguinte expressão: “Talvez alguns se perguntariam como pôde ele engajar-se tão completamente em seu trabalho na escola o dia todo e, contudo, estar pronto para pregar noite após noite”.<sup>61</sup>

Spurgeon diz como venceu essas dificuldades:

Minha tranquila meditação durante a caminhada ajudava-me a digerir o que eu tinha lido... Eu pensava e repensava em minha leitura enquanto dava os meus passos, e assim a fazia penetrar na minha própria alma, e posso dar meu testemunho de que nunca aprendi tanto, ou tão completamente, como quando

---

<sup>61</sup> Ibid., pp. 53-55.

procurava repetir oralmente, simples e zelosamente, o que eu tinha recebido primeiro em minha mente e em meu coração.<sup>62</sup>

Spurgeon ganhou experiência no preparo de sermões. Ele selecionava uma porção das Escrituras Sagradas e em oração, procurava ser guiado por ela, estudava exaustivamente até compreendê-la completamente. Deus que a sua alma estava cheia com a mensagem, ele ordenava as suas verdades, colocando-as em forma organizada e deixando-a pronta para a transmissão. Ele selecionava os pontos principais e os secundários do texto em questão, anotava-os em duas ou três páginas e os levava consigo ao púlpito.<sup>63</sup>

Com todas essas providências, Spurgeon ficava tão profunda e permanentemente alegre, que geralmente cantava quando ia aos pontos de pregação. O hino que mais gostava de cantar era: “Amados com Sempiterno Amor”.

Devo ter sido um jovem de aparência estranha nas noites úmidas, pois eu andava três, cinco e até oito milhas, na ida e na volta, em meu trabalho de pregação, e quando chovia, eu usava polainas, casaco e chapéu impermeáveis, e levava uma lanterna apagada, acendendo-a para me mostrar o caminho através dos campos. Quantas vezes me coube pregar o evangelho na cozinha de um sitiante, ou numa cabana, ou num celeiro! Pode ser que muitos fossem me ouvir porque eu tão-somente um rapaz. Temo que, nos dias minha juventude, eu tenha dito muitas coisas estranhas e tenha cometido muitas ratas, mas os meus ouvintes não eram hipercríticos, e nenhum jornalista me perseguia; assim eu tive uma bela escola de treinamento, na qual, pela prática contínua, alcancei tal grau de agilidade ao falar que se equiparava à que agora possuo.<sup>64</sup>

Ele gostava de pregar nestes lugares, aonde as pessoas simples, com o cheiro do campo, chegavam, de perto ou de longe, para ouvir a respeito do grande amor de Deus ao enviar Seu amado Filho para morrer por pecadores.<sup>65</sup>

Num dia, na primeira quinzena de outubro de 1851, com apenas dezessete anos de idade, Spurgeon foi convidado para pregar à Igreja Batista de Waterbeach<sup>66</sup>, situada a uns oito quilômetros de Cambridge. Essa pequena comunidade contava apenas com cerca de

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 56.

<sup>63</sup> Ibid., p. 59.

<sup>64</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p.55.

<sup>65</sup> LIMA. Op. Cit., p.21.

<sup>66</sup> Ibid., p. 21. Esta igreja tinha tido um pastor por vinte anos e, por não conseguir sustentá-lo, o mesmo saiu para outro campo. Depois de sua partida, a igreja tentava ter outro pastor, mas pela mesma razão não conseguiu mantê-lo. Foi depois destes acontecimentos que Spurgeon chegou.

mil e quinhentas pessoas. A igreja contava apenas com cinquenta membros.<sup>67</sup> Quando concluiu sua mensagem em Mateus 1:21: “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles”, os irmãos insistiram que ele voltasse. Depois da segunda visita, num domingo, os irmãos pediram-lhe que se tornasse o seu pastor regular. Eles propuseram a Spurgeon que passasse seis meses de experiência na igreja. Mas, ele por sua vez, só aceitou por três meses, e com a seguinte condição: ambos os lados teriam este período de tempo para se avaliarem, e uma vez vencido o prazo, teriam a liberdade de uma efetivação ou não. Tendo vencido o tempo determinado, no primeiro trimestre de 1852, Spurgeon tornou-se o pastor da referida igreja.<sup>68</sup>

Spurgeon, logo que iniciou o seu ministério em Waterbeach, fora encorajado pelo seu pai e seus amigos a se preparar mais em uma universidade, a fim de ser mais útil ao ministério. Ele era consciente de que sempre precisava aprender mais, sendo assim, não deveria recusar, e concordou, porém, esperava que pudesse ser útil sem tal preparação. Os amigos de Spurgeon, em Cambridge, marcaram um encontro entre ele e o Dr. Joseph Angus – diretor do Regents Park College, uma Universidade Teológica em Oxford -, contudo, na ocasião, não foi possível, pois houve um desencontro. Spurgeon ainda continuava pensando na possibilidade de entrar numa universidade, mas, tal pensamento cessou quando ao caminhar para um lugar aos arredores de Cambridge, onde iria pregar, ouviu como se fosse uma voz audível, segundo ele, a impressão era vívida até certo nível, e são essas as palavras: “Procuras tu grandes coisas para ti mesmo? Não as busques!”. Além disso, Spurgeon se lembrou daqueles amados irmãos e almas que foram entregues ao seu humilde cuidado a quem ministrava. Por isso, teve motivo suficiente para mudar sua intenção de ir à universidade. Foi apenas com uma educação formal pequena, mas, com um desejo ardente de que seu Mestre crescesse e ele diminuísse que o maior pregador desde os tempos dos apóstolos, começou seu ministério.<sup>69</sup>

Spurgeon, mesmo residindo em Cambridge, teve de renunciar a seu trabalho de professor na escola, onde o Sr. Leeding era diretor, devido a muitas atividades assumidas em Waterbeach.<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> ANGLADA. Op. Cit., p. 5.

<sup>68</sup> LIMA. Op. Cit., p. 21.

<sup>69</sup> Ibid., p. 22.

<sup>70</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 56.

Spurgeon continuava pregando todas as noites nas aldeias, três vezes aos domingos e era bastante convidado para pregar em ocasiões especiais em outras igrejas, aos arredores de Cambridge. Ele não perdia nenhuma oportunidade para apresentar o evangelho de Jesus Cristo, e ficou muito alegre quando teve notícia da primeira pessoa que se converteu. Foi uma mulher que lhe declarou que quando estava ouvindo sua pregação, foi conduzida a uma profunda convicção de pecado, mas disse que recebeu de Cristo a libertação e que agora estava muito alegre.<sup>71</sup>

Spurgeon era tão amado por sua congregação que aos domingos tinha mais sessenta casas aonde era convidado para fazer suas refeições.<sup>72</sup>

A Igreja Batista de Waterbeach girava em torno de cinquenta membros, logo que Spurgeon começou a pregar o número foi aumentado com grande rapidez. As pessoas vinham, não somente da aldeia propriamente dita, mas também das partes campestres vizinhas, até que a frequência chegou a ser, regularmente, de quatrocentos ou mais pessoas. O pequeno edifício não comportava a todos, mas as portas e as janelas eram deixadas abertas, e o povo ficava ouvindo de fora, e ouvia como nunca ouvia um pregador antes. Ele ficou conhecido como “O Pregador Menino”, apesar de ele mesmo não se considerar dessa maneira. Spurgeon possuía o dom de entender e influenciar pessoas. Ele conversava com os homens e as mulheres na rua e os visitava em suas casas; ele os conhecia, também seus filhos adolescentes e suas crianças, pelo nome. Ele reconhecia a presença de pecado, e esse estava em toda parte; ele presenciava a maneira de viver das pessoas; ele orava pelos enfermos, confortava os que sofriam e velava os moribundos.<sup>73</sup>

Spurgeon, nesse período, teve grande progresso no preparo de sermões. Ele se esforçava em oração, na compreensão completa da passagem bíblia que iria pregar. Depois de encher a sua alma com a mensagem, ele colocava em ordem as suas verdades primárias e secundárias, organizando-as, anotando-as numa folha de papel, e deixando-as prontas para levar ao púlpito e pregar. Ainda há dezenas desses esboços redigidos por Spurgeon em Waterbeach. Esses documentos testemunham que Spurgeon estava com a sua mente abastecida das grandes doutrinas que aprendera desde sua infância. Era dessa fonte que ele

---

<sup>71</sup> Ibid., p.57

<sup>72</sup> LIMA. Op. Cit., p. 22.

<sup>73</sup> DELLIMORE. Op. Cit., pp. 56,57.

tirava a força para exercer seu ministério da Palavra. E, também, foi nesses dias que Spurgeon teve grande crescimento em seu trato com as pessoas.<sup>74</sup>

Spurgeon, ainda na sua adolescência, era um homem de caráter forte, audaz e destemido. Era muito real, não tinha o menor elemento de fingimento. Em público, e também em suas relações pastorais, sua flexível seriedade era manifesta a todos. Quando pregava, seus extraordinários poderes eram evidentes, tinha uma voz de tremendo poderio, aliada a entonações suaves e comoventes, e tudo sob constante controle. Para Spurgeon, a vida cristã tinha que ser totalmente governada, e perseguia esse ideal de forma rigorosa. Levantava-se cedo, ele enchia o dia de trabalho, estudava, visitava, orando e pregando. Todo o seu tempo era dedicado ao Senhor. Ele estava muito à frente de muitos ministros idosos. Quanto ao ofício da pregação, o seu irmão James deu a seguinte declaração: “ele era um maravilhoso exemplo de pregador que salta etapas, plenamente desenvolvido no púlpito”.<sup>75</sup>

O ministério de Spurgeon na Igreja Batista de Waterbeach teve uma pequena duração, apenas de dois anos, mesmo assim, foi tão eficaz, que a igreja cresceu rapidamente, e houve substancial mudança na moral e costume da população.<sup>76</sup> Spurgeon descreveu de forma vívida esse grande e surpreendente milagre que o Senhor realizara em seu ministério:

Em pouco tempo a pequena capela, com teto de sapé, ficou abarrotada de gente, os maiores vagabundos derramavam rios de lágrimas, e os que tinham sido a maldição do lugar tornaram-se a sua bênção. Onde houvera roubos e vilanias de toda espécie, em toda a vizinhança, agora não havia nada disso, porque os que homens que costumavam praticar o mal estavam na igreja, alegrando-se ao ouvir falar de Jesus crucificado.<sup>77</sup>

Os irmãos de Waterbeach eram tão generosos para com o seu pastor, Spurgeon mesmo testifica:

---

<sup>74</sup> Ibid., pp. 58,59.

<sup>75</sup> Ibid., pp. 60,61.

<sup>76</sup> ANGLADA. Op. Cit., p. 5.

<sup>77</sup> DALLIMORE. Op. Cit., pp. 57-58.

Eu acho que não houve um porco que fora morto por alguém da congregação que eu não tivesse uma parte dele; e quando um ou outro irmão ia ao mercado em Cambridge, trazia para mim pão e carne, deste modo, eu tinha bastante pão e carne.<sup>78</sup>

Foi um período em que o Senhor Deus abençoou grandemente o Príncipe dos Pregadores e dezenas de almas foram salvas.

### 2.3 SPURGEON NO SEGUNDO PASTORADO NA CAPITAL DA INGLATERRA

Iain Murray, em poucas palavras, relata as condições da igreja no tempo em que Spurgeon foi convidado para pastorear a Capela Batista da Rua Novo Parque em Londres, fundada no século XVI.

O cristianismo protestante era mais ou menos a religião nacional; o domingo era observado rigorosamente; as Escrituras eram respeitadas; e, fora as milhares de pessoas não sensibilizadas de algumas das maiores cidades, a frequência à igreja era costume geral. A Igreja não tinha falta de riqueza, nem em homens, nem em dignidade, mas lamentavelmente lhe faltava unção e poder. Havia a tendência geral de esquecer a diferença entre o saber humano e a verdade revelada pelo Espírito de Deus. A eloquência e a cultura não eram raras nos púlpitos, porém era marcadamente a ausência da espécie de pregação que quebrantava o coração dos homens.<sup>79</sup>

Em novembro de 1853, Spurgeon e outros dois pregadores foram convidados para tomarem parte como oradores na Assembléia Anual da União da Escola Bíblica Dominical em Cambridge. Na ocasião um homem chamado George Gould, de Esses, estava presente naquela reunião. Ele ficou muito impressionado com o que ouviu de Spurgeon e fez a um amigo de Londres, William Olney, um inflamado relato sobre o jovem pregador de Waterbeach. Olney era um diácono na New Park Street Chapel (Igreja da Rua do Novo

---

<sup>78</sup> LIMA. Op. Cit., p. 23.

<sup>79</sup> MURRAY. Op. Cit, (a), p. 39.

Parque), em Londres, e, visto que esta estava sem pastor na ocasião, Gould insistiu com a igreja que considerasse seriamente esse jovem extraordinário.<sup>80</sup>

O dia 27 de novembro de 1853 ficou marcado na vida de Spurgeon. Foi nesse domingo de manhã que lhe fora entregue uma carta-convite procedente de Londres. Quando a abriu, não quis acreditar: era um convite para pregar na Capela da Rua do Novo Parque. Spurgeon chegou a pensar que eles haviam se enganado, pois não achava que esta igreja tão importante estaria interessada em ouvir um jovem do interior que tinha apenas 19 anos de idade, por isso, ele respondeu a carta dizendo que eles deviam tê-lo confundido com outro Spurgeon. Quando veio a resposta ele foi informado que não havia engano, era ele mesmo que eles queriam como pregador. Ele aceitou o convite com muito temor e tremor.<sup>81</sup>

O temor e tremor de Spurgeon eram justificados, pois a Capela da Rua do Novo Parque tinha sido pastoreada, desde o século XVII, por muitos pregadores famosos: o primeiro deles foi Benjamim Keach (1668 a 1704), um destacado pregador e autor; o segundo foi John Gill (1720 a 1771), homem de tremenda cultura, autor de pesados volumes de teologia e comentários bíblicos e seu ministério teve uma duração de cinquenta e um anos; e, o terceiro, John Rippon (1773 a 1836), era comprovadamente um hábil pregador e tinha publicado um hinário amplamente utilizado, e o seu ministério nesse púlpito tivera a espantosa duração de sessenta e três anos. Esses homens eram altamente respeitados em toda Inglaterra. A grandeza deles serviu para desanimar Spurgeon ainda mais, visto que iria ocupar o púlpito que pertencera a esses grandes pregadores calvinistas.<sup>82</sup>

A Capela da Rua Novo Parque estava sem pastor desde junho de 1853 com a saída do Rev. William Walters (1773 a 1836) e a igreja estava à procura não apenas de outro pastor, mas de um que fosse também Reformado. Os pastores que eram convidados para pregar traziam sermões secos, acadêmicos, filosóficos e arminianos. Por essa razão não lhes era dada nova oportunidade para retornar ao púlpito. Por isso, a frequência vinha diminuindo<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> DALLIMORE. Op. Cit., p.55-56.

<sup>81</sup> LIMA. Op. Cit., p. 24.

<sup>82</sup> DALLIMORE. Op. Cit., pp. 68-69.

<sup>83</sup> LIMA. Op. Cit., p. 25.

Spurgeon chegou a Londres no dia 17 de dezembro, e no dia 18, domingo, dirigiu-se à Capela a fim de pregar seu primeiro sermão naquele tão famoso santuário, que tinha capacidade para acomodar cerca de mil pessoas sentadas, mas naquela manhã, a igreja, que já não tinha tanta gente, estava mais vazia ainda, e, foi composta de cerca de oitenta pessoas, mas alguns calcularam que não havia duzentas pessoas. Isso por que, muitos irmãos, acostumados a ouvir pregadores famosos, ficaram desestimulados em ouvir um jovem que era do interior e não deram a importância devida.<sup>84</sup> Spurgeon, ao ocupar o púlpito, fixou os olhos na congregação e pregou um poderoso sermão em Tiago 1:17: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em que não pode existir variação ou sombra de mudança”.<sup>85</sup> Ele falou sobre Deus segunda a descrição feita pelos termos, *o Pai da luzes*. Estendeu-se sobre os atributos divinos, principalmente a imutabilidade de Deus, e concluiu proclamando Sua dádiva de dons, até mesmo a dádiva do Seu Filho, Jesus Cristo. O povo que estava reunido viu em Spurgeon um homem forte na confiança em Deus e ouviu uma voz semelhante à qual nunca tinha ouvido antes. E, de forma alguma, Spurgeon pregou um sermão com o objetivo de impressionar seus ouvintes e de receber favor dos líderes londrinos. Foi simplesmente o tipo de sermão que ele teria pregado à sua rústica congregação de Waterbeach. Contudo, o resultado foi extraordinário. Alguns ouvintes não sabiam o que pensar dele, pois era tão jovem e, demonstrava muita maturidade, e era diferente de todos os pregadores que eles tiveram ouvido. Estavam muitos entusiasmados e satisfeitos.<sup>86</sup> Durante a tarde, vários deles convidaram membros que estiveram ausentes pela manhã e diversos vizinhos e amigos. À noite, a freqüência havia se multiplicado, e o texto escolhido para a pregação foi Apocalipse 14:5, “Não se achou mentira em sua boca; nem mácula”. Os presentes foram elevados a novas altitudes de entendimento e a novos arrebatamentos de emoção. Quando acabou o culto, muitos irmãos e líderes não queriam sair da igreja, porque ficaram dominados pela glória da mensagem, pois havia muito tempo que não ouviam uma pregação com a unção do Espírito Santo como aquela.<sup>87</sup>

Os diáconos o convidaram para que voltasse a ocupar o púlpito, pelo menos três vezes mais, pensaram que seria o suficiente para que o templo ficasse lotado, pois estavam famintos espiritualmente. Spurgeon entendendo que era propósito de Deus, então prometeu

---

<sup>84</sup> Ibid., p. 25.

<sup>85</sup> Ibid., p. 25.

<sup>86</sup> DALLIMORE. Op. Cit., p. 70.

<sup>87</sup> LIMA. Op. Cit., p. 26.

voltar três domingos no mês seguinte, janeiro de 1854, conforme proposta.<sup>88</sup> Deus tinha ungido o seu ministério, as pessoas tinham gostado, e ele ia voltar!<sup>89</sup>

Spurgeon voltou feliz para o Waterbeach, por ter sido grandemente usado por Deus, e conforme o acordo que fizera com os diáconos retornou à Londres para pregar nos dias 1, 15 e 29 de janeiro de 1854. Entretanto, no dia 25 de janeiro, antes de pregar o último sermão, os irmãos lhe informaram que tinham sido unânimes em convidá-lo para ocupar o púlpito por seis meses como um período de experiência. Então, Spurgeon, entendeu que Deus estava lhe dirigindo para outro ministério fora de Waterbech. Ele aceitou a proposta, mas fez uma contraproposta, que três meses fossem divididos em duas etapas: três meses para eles avaliarem se seria ele mesmo que eles queriam; se sim, ele ficaria outros três meses. A igreja acatou a proposta.<sup>90</sup>

A despedida de Spurgeon do seu povo em Waterbeach foi triste tanto para ele como para a igreja. Alguns irmãos entenderam que não poderiam manter tal homem num lugar tão pequeno, embora felizes por ver a ascensão de Spurgeon. Ele os amava, e eles o amavam, e os laços de afeição não poderiam ser cortados facilmente. Durante muitos anos da sua vida, alguns dos seus melhores amigos estavam na Capela Batista de Waterbeach.<sup>91</sup>

Spurgeon consciente da sua grande responsabilidade espiritual que assumira, fez o seguinte pedido à igreja: “uma coisa é necessária... a saber, que, tanto particular como publicamente, eles lutem em oração... para que eu seja sustentado na grande obra.”<sup>92</sup>

Em fevereiro de 1854, com a idade de dezenove anos, Spurgeon iniciou seu ministério em Londres. Começou com uma experiência de seis meses, mas seu ministério eficaz, que ele chamava de “labor da minha vida”, durou todo o restante da sua vida, quase quarenta anos.<sup>93</sup>

O que se viu, ainda nos primeiros três meses de experiência de Spurgeon, foi um avivamento na igreja. O templo ficava superlotado a cada dia que passava, os cultos de

---

<sup>88</sup> DALLIMORE. Op. Cit., p. 71.

<sup>89</sup> Ibid., p.72.

<sup>90</sup> LIMA. Op. Cit., p. 26.

<sup>91</sup> DALLIMORE. Op. Cit., p.73.

<sup>92</sup> MURRAY. (b). Apud DALLIMORE. In. *The Early Years*, p.72 (Os Primeiros anos), (Londres: Banner of Truth, 1962), p. 248.

<sup>93</sup> DALLIMORE. Op. Cit., p .73.

oração eram cheios de poder e muitas pessoas que visitavam a igreja começaram a se entregar a Cristo.<sup>94</sup>

No dia 19 de abril de 1854, data que a Capela da Rua Novo Parque se reuniu em sessão extraordinária e unânime decidiu convidar Charles Haddon Spurgeon para ser seu pastor. E depois de orar e pensar bem, ele decidiu aceitar o convite.<sup>95</sup>

Logo que a igreja recebeu a resposta positiva de Spurgeon, os diáconos trouxeram o assunto sobre a sua ordenação, pois, segundo eles, ele até aquele momento não havia sido propriamente ordenado. Spurgeon lhes disse que não acreditava que essa prática era escriturística e não tinha necessidade de validar seu ministério, sendo assim, estava certo de que fora ordenado por Deus e isso era o que lhe importava. Ele declarou aos diáconos que a benção de Deus era o selo divino impresso em seu ofício. Contudo, estava disposto a submeter-se à cerimônia, se os irmãos considerassem necessário, e conquanto não lhe fizesse nem mal nem bem. E a questão parou aí. Até o título de Reverendo ele rejeitou.<sup>96</sup>

Spurgeon, em suas orações, tinha liberdade, reverência e intimidade com Deus. Um colega seu disse: “A oração era o instinto da sua vida. Era seu sopro vital e seu ar natural. Ele voava sobre asas de águia rumo ao céu de Deus, quando orava”.<sup>97</sup> Tal era a oração de Spurgeon.

Por esse motivo, o ministério de Spurgeon em Londres foi extraordinário. Sua fama aumentou rapidamente. Ele começou a sofrer oposições por parte da imprensa e de pessoas curiosas. Em 1855, o templo teve que ser aumentado em mais quatrocentos lugares, mas quando ficou pronto, já não comportava o número de ouvintes. Ainda neste ano, foi necessário alugar o Teatro de Música, o maior prédio público de Londres, onde aconteceria uma catástrofe. No primeiro culto houve pânico, quando várias pessoas, em lugares diversos, gritaram que o prédio estava incendiando, o resultado foi sete mortos e vinte e oito feridos e hospitalizados. A imprensa sensacionalista aproveitou e fez um escândalo. Spurgeon foi gravemente afetado pelo incidente e a partir daí começou a sofrer de gota reumática, doença que o fez padecer pelo restante da sua vida, e o levou até a morte.<sup>98</sup>

---

<sup>94</sup> Ibid., p. 73.

<sup>95</sup> LIMA. Op. Cit., p. 27.

<sup>96</sup> DALLIMORE. Op. Cit., p. 73.

<sup>97</sup> YOUNG, Dinsdale T. Apud DALLIMORE, Arnold A., Spurgeon – *Uma Nova Biografia*, p.73. Apud., Dinsdale T. Young, *C. H. Spurgeon's Prayers* (Orações de C. H. Spurgeon), (Nova York: Revell, 1906), p.vi.

<sup>98</sup> ANGLADA. Op. Cit., p.6.

Depois desse acontecimento, os amigos e simpatizantes de Spurgeon apoiaram-no, e ele construiu o Tabernáculo Metropolitano. O prédio foi concluído em março de 1861 e tinha capacidade para mais de cinco mil pessoas sentadas. Em 1868, o irmão de Spurgeon, o Sr. James Spurgeon foi nomeado para auxiliá-lo, devido às frequentes enfermidades e o grande acúmulo de trabalho de Spurgeon. A igreja cresceu surpreendentemente: em 1854 tinha apenas trezentos e treze membros; em 1855, tinha trezentos e noventa e cinco; 1856, já contava com oitocentos e sessenta membros; em 1857, o número aumentou para mil e quarenta e seis pessoas; e em 1874, para quatro mil, oitocentos e treze. Em 1886, mais de dez mil pessoas haviam sido batizadas por Spurgeon.<sup>99</sup>

### **2.3.1 A esposa e filhos de Spurgeon**

Spurgeon, até 1853, com dezenove anos, não tinha inclinado o seu coração para qualquer mulher. Ele tinha se dedicado somente ao estudo e a pregação da Palavra. Mas agora tudo tinha mudado.<sup>100</sup> Entre as poucas pessoas que ouviram Spurgeon no primeiro dia em que pregou na Rua do Novo Parque estava uma jovem chamada Susana Thompson. Ela decidiu ir ouvir o novo pregador, por considerar uma descortesia alguém vir de tão longe, e pregar para uma igreja vazia,<sup>101</sup> e por ser amiga chegada da família Olney, que ouviram Spurgeon pela manhã e ficaram maravilhados com o jovem pregador e decidiram convidar o maior número de pessoas para ouvi-lo e, uma destas pessoas seria a jovem Susana. Para agradar os seus amigos aceitou o convite.<sup>102</sup> Susana passou a frequentar a igreja. Quando fazia apenas dois meses e meio que estava em Londres, ele lhe enviou um presente. Era uma cópia do livro *Pilgrim's Progress* (O Progresso do Peregrino, ou O Peregrino), e nele Spurgeon escreveu: “Srta. Thompson com votos por seu progresso na bem-aventurada peregrinação de C. H. Spurgeon, 20 de abril de 1854”. A partir daí ele se tornou o seu guia espiritual. Susana já era crente em Cristo para a salvação, mas não crescera durante o período em que a igreja estava sem pastor. Mas agora ela se sentira conduzida pelas pregações e por suas conversações... à cruz de Cristo para a paz e o perdão que sua fatigada alma desejava. Essa amizade logo se tornou mais pessoal. No dia 10 de

---

<sup>99</sup> Ibid., p. 6.

<sup>100</sup> DELLIMORE. Op. Cit., p. 82.

<sup>101</sup> ANGLADA. Op. Cit., p. 11.

<sup>102</sup> LIMA. Op. Cit., p. 30.

junho daquele ano houve um evento de gala em Londres – a inauguração do Palácio de Cristal. Charles e Susana compareceram com um grupo de amigos, e ele procurou assentar-se perto dela. Naquele dia Deus uniu aqueles corações. Daquele dia em diante cresceu depressa, e rapidamente amadureceu, tornando-se o mais profundo amor. E, em dois de agosto, eles foram à casa do avô dela, entraram juntos no jardim. De forma solene e alegre, Spurgeon firmou o seu amor e lhe pediu que se casasse com ele.<sup>103</sup> E Susana Thompson tornou-se a eleita de Spurgeon. Casaram-se em 8 de janeiro de 1856, uma manhã de terça-feira umedecida e fria, pelo Rev. Dr. Alexander Fletcher, da Capela de Finsburg. Cerca de duas mil pessoas testemunharam a cerimônia. O casal Spurgeon viajou para uma breve lua de mel de dez dias em Paris.<sup>104</sup>

No dia 20 de setembro do mesmo ano, nasceram filhos gêmeos, receberam os nomes de Charles e Thomas. Os Spurgeons continuamente agradeciam a Deus pela vida dos seus filhos. Imediatamente após a tragédia de 19 de outubro de 1856, no *Surrey Gardens Music Hall*, onde sete pessoas morreram e vinte e oito ficaram gravemente feridas, um mês após o nascimento das crianças, o casal ficou muito abalado. Quando Spurgeon, pela graça de Deus, recuperou a paz de mente e Susana foi fortalecida em seu corpo, eles decidiram dedicar os gêmeos ao Senhor e ao Seu serviço.<sup>105</sup>

Spurgeon e Susana, anos mais tarde, padeceram muita enfermidade que se misturou com a alegria do Senhor. Contudo o afeto entre o casal jamais esfriara, e chegou até ser poético. Os dois cônjuges foram moldados um para o outro pela mão divina. Susana chegou a dizer que: “Foi um casamento foi idealizado no céu”.<sup>106</sup>

O casal Spurgeon teve apenas os gêmeos. Ambos foram ministros batistas. Um deles, Thomas Spurgeon, assumira o púlpito do Tabernáculo, no lugar do seu tio, James Spurgeon, revelando muitas qualidades do pai, inclusive na eloquência. O outro, Charles Spurgeon, assumiu posições de importância na liderança da denominação.<sup>107</sup>

Spurgeon morreu no dia 31 de janeiro de 1892, no sul da França, onde costumava viajar, por motivo de doença. Partiu para a glória, ladeado pela esposa, seu irmão James, um de seus filhos e três ou quatro amigos queridos. Seu corpo chegou em Londres dia 8 de

---

<sup>103</sup> DALLIMORE. Op. Cit., pp. 83-84.

<sup>104</sup> LIMA. Op. Cit., p. 31-32.

<sup>105</sup> Ibid., p. 32.

<sup>106</sup> DALLIMORE. Op. Cit., p. 89.

<sup>107</sup> ANGLADA. Op. Cit., pp.12-13.

fevereiro. Aproximadamente de sessenta mil pessoas dirigiram-se para o Tabernáculo para despedir-se de Spurgeon. Os alunos do Colégio de Pastores carregaram o caixão e iam ao redor, como guarda de honra. Nas ruas por onde o cortejo funeral passou as lojas estavam fechadas e as casas enlutadas.<sup>108</sup>

O Dr. Pierson, ministro que auxiliava no Tabernáculo na ausência de Spurgeon, pregou o sermão fúnebre e orou, e o Bispo de Rochester proferiu a bênção apostólica. O Pr. Arquibaldo Brown, um dos primeiros formados pelo Colégio de Pastores e amigo predileto de Spurgeon por mais de vinte e cinco anos, pronunciou em lágrimas um comovedor discurso que arrancou lágrimas dos olhos de todos, eis um trecho das palavras:<sup>109</sup>

...campeão de Deus! A tua longa batalha e nobre combate, acabaram. A espada que se pegou à tua mão, caiu finalmente: um ramo da palmeira tomou o seu lugar. Não mais o capacete premiará a tua testa, pela preocupação constante dos teus pensamentos vibrantes sobre o combate; a coroa da vitória, entregue pela própria mão do grande Comandante, é a prova evidente da tua alta recompensa...<sup>110</sup>

Spurgeon foi alguém que tão resolutamente se empenhou na maior luta do mundo: a defesa do Evangelho. Já está traduzida para a língua portuguesa a sua mensagem intitulada *A Maior Luta do Mundo*. Onde, Spurgeon, expõe as suas convicções sobre o que é relevante na pregação e no ensino do Evangelho santo e puro do nosso Senhor Jesus Cristo.

### **2.3.2 Publicação das mensagens de Spurgeon**

A publicação de suas mensagens foi parte importantíssima do ministério de Spurgeon. Tempo de Colheita foi o primeiro sermão a ser publicado, e teve grande aceitação. Até ao final do ano já havia publicado doze sermões. A partir de então, mensalmente, suas mensagens eram publicadas, o que ocorreu ininterruptamente durante

---

<sup>108</sup> Ibid., pp. 12-13.

<sup>109</sup> Ibid., p. 13.

<sup>110</sup> Ibid., p. 13.

trinta e cinco anos, mesmo depois da sua morte, sua esposa continuou a publicar seus sermões. Até 1903, foi divulgada uma estimativa de que entre duzentos e trezentos milhões de cópias dos sermões de Spurgeon tenham sido publicados.<sup>111</sup>

Vale ressaltar que Spurgeon também um excelente escritor. Em meio à doença e a muitas outras atividades, o príncipe dos pregadores ainda encontrava tempo para escrever, e, escreveu muito! Spurgeon comenta:<sup>112</sup>

Escrever é para mim o trabalho de um escravo. É um prazer... pregar meus pensamentos em palavras que lampejam na minha mente no momento em que preciso delas, mas é um trabalho pesado na minha mente no momento em que preciso delas, mas é um trabalho pesado sentar imóvel, e gemer por pensamentos e palavras... sem obtê-las. Corretamente os livros de um homem podem ser chamados de seus “trabalhos”, porque se todas as mentes forem semelhantes à minha, é um verdadeiro trabalho produzir um pequeno volume.<sup>113</sup>

Spurgeon escreveu comentários, obras homiléticas, livros devocionais, periódicos, livros populares e muitos outros. As obras mais importantes são: *O Tesouro de Davi*, comentário ao livro de Salmos, publicado em sete volumes, com 3.228 páginas ao todo. O tempo gasto para realizar esta obra foi mais de vinte anos de trabalho. Outra obra importante são *Lições aos Meus Alunos*, em três volumes. A obra mais vendida, mais de 300 mil cópias, foi *João Lavrador*. Os quarenta e oito volumes de sermões e, reunidos na obra *O Púlpito Metropolitano*. Outras obras literárias importantes foram sua revista mensal, *A Espada e a Pá*; e seu *Almanaque Ilustrado*.<sup>114</sup>

### 2.3.3 A Escola de Pastores

Em 1856, foi fundada a *Escola de Pastores*, sendo a primeira e mais querida instituição de Spurgeon. É natural aumentar o número de vocacionados em uma igreja que cresce assustadoramente. Jovens santos de Deus desejavam tornar-se pregadores do Evangelho, e precisavam preparar-se para o santo ministério. Havia muitos seminários em

---

<sup>111</sup> ANGLADA. Op. Cit., p. 7-8.

<sup>112</sup> Ibid., p. 7.

<sup>113</sup> Ibid., p. 8.

<sup>114</sup> Ibid., p. 8.

Londres, mas Spurgeon deu as seguintes razões para fundar mais um: 1º) Questões financeiras, os candidatos não tinham recursos para ingressarem em outros seminários; 2º) Questões do ensino, os seminários não estavam focados naquilo que os candidatos precisavam para exercer o ministério com eficácia, a ênfase deveria ser na pregação e teologia. O calvinismo ensinado era duvidoso; e 3º) Nas questões práticas do exercício pastoral, os seminários deveriam dar ênfase a prática da piedade e o propósito de ganhar almas.<sup>115</sup>

A Escola começou sem instalações e com um ou dois alunos recebidos por ano. Spurgeon chegou a pensar que Deus não aprovara seu empreendimento. Mas, os recursos começaram a aparecer de modo milagroso, e o número de estudantes cresceu tanto, que em 1873, Spurgeon planejou a construção das instalações da Escola. A instituição, nos seus trinta e quatro anos de existência, foram recebidos oitocentos e vinte oito alunos. Antes da morte de Spurgeon, os pastores formados pela Escola já tinham fundado oitenta igrejas em Londres, mais duzentas por todo o mundo, e haviam batizado mais de quarenta mil pessoas.<sup>116</sup>

### **2.3.4 A associação de colportagem**

Essa associação, fundada em 1866, tinha a finalidade de distribuir, isto é, vender seus sermões, livros e folhetos (estes a distribuição era gratuita). O propósito da Associação não era comercial e sim divulgar a literatura sã. Spurgeon foi o presidente até a sua morte. A Associação era formada por crentes piedosos que faziam dessa atividade o seu ministério. Além de venderem os livros, distribuía folhetos, anunciavam o Evangelho, dirigiam cultos e pregavam nas comunidades rurais. Em 1891, um ano antes da morte de Spurgeon, havia oitenta e sete pessoas trabalhando na Associação e era uma instituição poderosa. Foram vendidas oito mil e oitocentas Bíblias, onze mil e trezentos Novos Testamentos, duzentos e vinte mil livros e sessenta e cinco mil revistas, e distribuídos cento e cinquenta mil folhetos; a receita foi de seiscentos e cinquenta mil dólares.<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> ANGLADA. Op. Cit., p. 8-9.

<sup>116</sup> Ibid., p. 9.

<sup>117</sup> Ibid. p.9-10.

### 2.3.5 As instituições de caridade

As instituições de caridade são: o *Asilo das Idosas* e o *Orfanato de Etockwell*. O *Asilo das Idosas* foi iniciado, em 1803, pelo Dr. John Rippon, ex-pastor da Igreja da Rua do Novo Parque desde 1773 a 1836. Ele ergueu um edifício, onde as asiladas viviam isentas de pagamento, e ainda recebiam semanalmente uma importância em dinheiro. Spurgeon continuou com alegria. Depois da inauguração do Tabernáculo, iniciou a construção de um novo prédio mais próximo e mais moderno para aquelas cidadãs idosas. As pessoas que ocuparam as novas instalações eram supridas de roupas, alimentação e outras coisas necessárias. Os custos eram pagos, em parte, pelos recursos recebidos com a venda dos livros e doações. Spurgeon sentia um grande carinho por elas. Devido os custos altos do asilo, Spurgeon ajudava com seus próprios recursos. E, quando Spurgeon completou vinte e cinco anos de ministério, em 1879, recebeu da Igreja, por ocasião da festa, seis mil, duzentos e trinta e três libras esterlinas. Os irmãos insistiram com ele que usasse para si, pessoalmente, mas ele preferiu doar a quantia toda para as obras de caridade, e o asilo recebeu a metade dessa importância. Spurgeon fez ainda mais duas doações significativas ao asilo antes da sua morte.<sup>118</sup>

O *Orfanato de Stockwell* veio à existir dias depois de uma reunião de oração de segunda-feira, no verão de 1866, Spurgeon falou à igreja:<sup>119</sup>

Queridos amigos, nós somos uma igreja gigantesca, e deveríamos fazer mais pelo Senhor nesta cidade. Eu gostaria que nós, hoje à noite, pedíssemos a Ele que nos envie algum novo trabalho, e se precisarmos de dinheiro para levá-lo adiante, oremos para que também os meios possam ser enviados.<sup>120</sup>

Spurgeon, depois de alguns dias, recebeu uma carta de uma senhora chamada Hillyard expressando seu desejo de doar 20.000 libras para ajudar na instrução e educação de meninos órfãos. Então, Spurgeon entendeu que o Senhor tinha ouvido as suas orações sobre *alguma nova obra e os recursos* para realizá-la. Dentro de um mês Spurgeon adquiriu um terreno de mais de oito mil metros quadrados, situado em Stokwell, um

---

<sup>118</sup> LIMA. Op. Cit., p.42-43.

<sup>119</sup> DALLIMORE. Op. Cit., p.165-166.

<sup>120</sup> Ibid., p. 166.

distrito não muito distante do Tabernáculo, e foram construindo as casas. Em 1869, todo o projeto estava concluído. Em 1880, começou a ser construído também o orfanato feminino. Todo o sistema de orfanato era excelente, as crianças formavam famílias, em casas distintas, com uma “mãe”, tudo como se constituíssem uma família.<sup>121</sup>

---

<sup>121</sup> Ibid., p. 166.

### 3. TEOLOGIA PASTORAL APLICADA À HOMILÉTICA EM SPURGEON

Spurgeon, na qualidade de diretor da Escola de Pastores, se preocupava na formação dos jovens que aspiravam ao ministério da Palavra. Ele entendia que os vocacionados só estariam aptos para o exercício ministerial quando tivesse aprendido a piedade, a dependência de Deus e a dominar a arte de preparar e pregar sermões. Por isso, ele priorizava a doutrina do Espírito Santo aplicada ao pregador, a forma, o conteúdo e a maneira de pregar sermões. A seguir será tratado mais detalhadamente o assunto:

#### 3.1 TEOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO APLICADO AOS PREGADORES

É notório que a obra do ministério do Evangelho de Jesus é o ministério do Espírito Santo, e jamais poderão estar dissociados. Spurgeon disse: “Esta força tem de vir do Espírito Santo. Cremos no Espírito Santo e na nossa absoluta dependência dEle.”<sup>122</sup>

Spurgeon diz que:

Para nós, a presença e a obra do Espírito Santo constituem a base da nossa confiança quanto à sabedoria e ao elemento de esperança da obra da nossa vida. Se não crêssemos no Espírito Santo, teríamos renunciado ao nosso ministério muito antes, pois, ‘quem é suficiente para estas coisas?’ Nossa esperança de sucesso e nossa força para a continuidade do serviço jazem em nossa crença em que o Espírito Santo repousa sobre nós. Por ora dou por certo que todos nós estamos cômnicos da existência do Espírito Santo. Dissemos que cremos nEle. Na verdade avançamos além da fé, nesta questão, e penetramos na região da consciência.<sup>123</sup>

---

<sup>122</sup> SPURGEON, C. H., *A Maior Luta do Mundo*, São Paulo: FIEL, 1995, p. 61.

<sup>123</sup> \_\_\_\_ (b). *Lições aos Meus Alunos - Homilética e Teologia Pastoral*, Vol.1, São Paulo: PES, 2001, p. 7.

Portanto, é isso que dá o direito de estar no ministério cristão. É através do Espírito Santo que vem a iluminação e a capacitação para contemplar as coisas que os olhos não vêem. Os pregadores são guiados em toda verdade, que de outra forma não poderiam ter sido revelados. O Espírito Santo é absolutamente essencial como na antiguidade O foi. No dia de Pentecostes se deu o início da grande obra de converter o mundo para Cristo. Conforme as Palavras do nosso Senhor Jesus Cristo: “Mas recebereis poder quando o Espírito Santo descer sobre vós; e sereis minhas testemunhas...”.<sup>124</sup>

Hoje, os pregadores são os sucessores daqueles que, no passado, foram motivados por Deus a proclamar a Sua Palavra, e dar testemunho com ousadia em nome do Senhor.<sup>125</sup> Se o pregador não tem o Espírito que Jesus Cristo prometeu, não pode cumprir a comissão.<sup>126</sup>

Spurgeon pergunta: “Onde havemos de buscar o auxílio do Espírito Santo?”<sup>127</sup> Ele responde essa pergunta, utilizando-se de vários versículos bíblicos:

### **3.1.1 Ele é o Espírito de conhecimento e sabedoria**

“Quando, porém, vier o Espírito da verdade, ele vos conduzirá a toda a verdade. E não falará de si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.”<sup>128</sup>

Sendo assim, os ministros do Evangelho precisam do Seu ensino. Os pregadores não podem subir ao púlpito sem estudar.

O conhecimento para Spurgeon era de vital importância e os seus alunos precisavam ter pleno entendimento e convicção, por isso, lhes orientava com as seguintes palavras:

Se não somos instruídos, como podemos instruir outros? Se não nos dedicamos a pensar, como podemos levar outros a pensar? E em nosso labor de estudar, nesse bendito trabalho em que estamos a sós com o Livro diante de nós, que precisamos da ajuda do Espírito Santo. Com Ele está a chave do tesouro celeste, e pode enriquecer-nos além da nossa imaginação. Com Ele está o guia da doutrina mais labiríntica, e pode conduzir-nos no caminho da verdade. Pode romper os portais de bronze e picar em pedaços as barras de ferro, e dar-nos os tesouros das trevas e as riquezas ocultas dos lugares secretos.<sup>129</sup>

---

<sup>124</sup> ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento**,. São Paulo: Vida Nova, Atos 1.8a.

<sup>125</sup> SPURGEON. Op. Cit p. 7

<sup>126</sup> Ibid., p. 7.

<sup>127</sup> Ibid., p. 10.

<sup>128</sup> ALMEIDA. Op. Cit., João 16.13

<sup>129</sup> SPURGEON. Op. Cit., p. 11.

Spurgeon tem a plena convicção de que o pregador deve depender inteiramente da Palavra de Deus e do Espírito Santo, caso contrário, ele pode se perder por caminhos estranhos e alheios a verdade de Deus. Então, faz a seguinte exortação aos pregadores:

Devemos depender do Espírito Santo quando nos preparamos. Está sucedendo assim com todos nós? Vocês têm o hábito de procurar a explicação dos textos bíblicos através da direção do Espírito Santo? Todo aquele que coloca os seus pés na terra do conhecimento celestial, deve trabalhar sobre a força do Espírito Santo, ou ocorrerá o risco de aportar em alguma ilha no meio do mar da fantasia e nunca ter os pés colocados a salvo nas sagradas praias da verdade.<sup>130</sup>

As Escrituras Sagradas testificam dessa verdade quando o apóstolo Paulo registra em 1 Coríntios 4:1-2: “Assim, os homens devem nos considerar servos de Cristo encarregados dos mistérios de Deus. Além disso, o que se requer de pessoas assim encarregadas é que sejam encontradas fiéis.”<sup>131</sup>

John Stott, em sua obra *O Perfil do Pregador*, diz que:

O pregador é um despenseiro. O despenseiro é o empregado de confiança que sela pela correta utilização dos bens de outra pessoa. Assim, o pregador é um despenseiro dos mistérios de Deus, ou seja, da auto-revelação que confiou aos homens e é preservada na Escritura.<sup>132</sup>

Spurgeon conclui fazendo uma citação de Goodwin:

É preciso haver luz acompanhando a verdade, se temos de conhecê-la. Prova-nos isto a experiência de todos os homens envoltos na graça de Deus. Qual a razão por que vocês veem algumas coisas; num capítulo, numa ocasião, e não em outra; alguma porção da graça em seus corações numa ocasião, e não em outra; têm um vislumbre das realidades espirituais numa ocasião, e não em outra? Os olhos são os mesmos, mas é o Espírito Santo que abre e fecha esta lanterna de furta-fogo, como eu poderia chamar-lhe. Conforme Ele abre mais, ou a aperta, ou a fecha, estreitando-a, temos maior ou menor visão. E às vezes Ele a fecha totalmente, e então a alma fica na escuridão, embora seus olhos nunca tenham estado tão bons.<sup>133</sup>

A orientação aos pregadores vem do Espírito Santo, portanto eles não devem deixar de ir a Ele em busca dessa luz, ou ficarão nas trevas e serão cegos guiando cegos.

---

<sup>130</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 61.

<sup>131</sup> ALMEIDA. Op. Cit., 1 Coríntios 4.1-2.

<sup>132</sup> STOTT Jhon. **O Perfil do Pregador**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p.20.

<sup>133</sup> SPURGEON C. H. **Lições aos Meus Alunos - Homilética e Teologia Pastoral**, Vol.1, p. 11-12. Spurgeon não citou a fonte desta citação.

“Mas a sabedoria que vem do alto é, em primeiro lugar, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sem hipocrisia.”<sup>134</sup>

O Espírito Santo é chamado de *Espírito de Sabedoria*, o pregador precisa enormemente dEle nesta gloriosa empreitada. Somente o conhecimento pode se tornar perigoso, ele deve ser acompanhado pela sabedoria, que a arte de usar corretamente o que se conhece. *Manejar bem* a Palavra de Deus é tão importante quanto compreendê-la.<sup>135</sup>

D. A. Carson disse: “Estamos lidando com os pensamentos de Deus; somos obrigados a nos esforçar ao máximo para entendê-los verdadeiramente e explicá-los clareza”.<sup>136</sup> Então, o pregador deve fazer uma interpretação crítica adequada das Escrituras – lexical, gramatical, cultural, teológica, histórica, geográfica ou de qualquer outro tipo. Esse tipo de interpretação é contrária a opiniões pessoais e interpretações arbitrárias do ponto de vista especulativo. Esse esforço para entender o texto bíblico em sua profundidade, se faz necessário porque o pregador precisa construir uma ponte entre o mundo da Bíblia e o cenário contemporâneo. É de responsabilidade do pregador explorar os dois territórios: o lado do mundo bíblico e o lado do mundo contemporâneo, conduzindo o ouvinte se familiarizar com os dois lados através da comunicação.<sup>137</sup>

John Stott escreveu o seguinte: “Se é para construir pontes para o mundo real e procurar relacionar a Palavra de Deus com os temas principais da vida e as questões principais do dia, precisaremos levar a sério tanto o texto bíblico quanto o cenário contemporâneo.”<sup>138</sup>

Spurgeon diz que aqueles que receberam a Palavra com deformidade podem exibir um cristianismo com deformidade. E resultará em grande prejuízo. Com a sabedoria que vem do *alto*, o pregador é guiado à fidelidade ao Evangelho e se torna apto para pregar sob todas as dimensões, sem omitir nada e sem exagerar.<sup>139</sup> Com a metáfora abaixo, Spurgeon explica que a sabedoria é dada pelo Espírito Santo:

O Espírito de Deus lhes ensinará o emprego da faca sacrificial para dividir as ofertas. Ele lhes mostrará como usar as balanças do santuário, para pesarem e misturarem as preciosas especiarias em quantidades certas.<sup>140</sup>

---

<sup>134</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Tiago 3:17.

<sup>135</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 12-13

<sup>136</sup> CARSON, D. A., **A Exegese e Suas Falácias: perigos na interpretação da bíblia**. Tr. Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 14.

<sup>137</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 12-13.

<sup>138</sup> STOTT, John. **Eu Creio na Pregação**, p. 191.

<sup>139</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 13.

<sup>140</sup> Ibid., p. 13.

Spurgeon diz que “todo o pregador experimentado sente que esse é o momento supremo, e bom será que seja capaz de resistir à tentação de negligenciá-lo”.<sup>141</sup> Se o pregador deixar de pregar alguns textos e isso ocorrer ou por falta de conhecimento, ou por preconceito, ou por não gostar do texto, ou por haver alguma imperfeição no pregador e ou por algum preconceito entre os ouvintes, Spurgeon orienta que: “Esse silêncio pecaminoso tem que ser eliminado imediatamente”.<sup>142</sup> Por outro lado, o pregador precisa de sabedoria para selecionar uma porção particular da Palavra de Deus, que é mais aplicável à ocasião e às pessoas reunidas. Procurando pregar toda a verdade sem que haja choque ou ofensas. O pregador precisa de sabedoria para colocar as coisas para diferentes pessoas. A mesma verdade que pode construir o ser humano também pode destruí-lo, dependendo da forma em que for aplicada. Deve-se pregar com sabedoria e misericórdia de Deus. A sabedoria é proveitosa para dirigir, e o pregador que a tem, expõe a verdade na ocasião certa e com suas aplicações mais apropriadas, que só o Espírito Santo pode dar. O pregador deve, com a mais humilde reverência, esperar a direção do Espírito Santo.<sup>143</sup>

### 3.1.2 Ele dá liberdade de expressão

Spurgeon diz que “...como a brasa viva tirada do altar, tocando os nossos lábios.”<sup>144</sup> E, que o pregador precisa do Espírito Santo para dar-lhe *liberdade de expressão*. Assim, quando o pregador tem conhecimento e sabedoria para escolher a porção certa da verdade, pode desfrutar da liberdade de expressão na hora de entregar a mensagem.<sup>145</sup> Spurgeon continua: “Quantas palavras nos faltam pelo fato do Espírito de Deus não estar em nós!”<sup>146</sup>

O Pr. Dr. Jilton Moraes, ao referir-se a liberdade de expressão, disse: “A pessoa chamada para pregar depende de Deus para vencer suas limitações.”<sup>147</sup> Além disso, o Pr. Jilton, deu exemplos de alguns profetas que tiveram que lidar e vencer essa limitação, que abaixo é citado:

---

<sup>141</sup> Ibid., p. 13.

<sup>142</sup> Ibid., p. 14.

<sup>143</sup> Ibid., p. 13-14.

<sup>144</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 14-15. (Spurgeon utilizou-se de partes dos textos bíblicos de Isaias 6.6-7).

<sup>145</sup> Ibid., p.14-15.

<sup>146</sup> SPURGEON. (c).Op. Cit., p. 62.

<sup>147</sup> MORAES, Jilton., **Homilética da Pesquisa ao Púlpito**. São Paulo: Vida, 2005, p. 28.

Moisés: “Nunca tive facilidade de falar, nem no passado nem agora que falaste a teu servo. Não consigo falar bem! (Êx 4:10). Jeremias, ao ser chamado, declarou: “ah, Soberano Senhor! “Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem.” (Jr 1:6). Isaías, quase sucumbiu diante da convocação ao trabalho do Senhor: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de impuros lábios.” (Is 6:5).<sup>148</sup>

Spurgeon faz uma observação interessante sobre o assunto quando diz:

Quão gloriosamente fala o homem quando os seus lábios estão empolados pela brasa viva do altar – sentindo o poder de fogo da verdade, não apenas no recôndito da alma, mas nos próprios lábios com os quais está falando! Reparem nessas ocasiões como estremece sua fala. Não notarem agora mesmo, na reunião de oração, em dois irmãos que elevaram súplicas, como era tremulo o tom da sua voz, e como tremiam as estruturas dos seus corpos? Porque não somente os seus corações foram tocados, como espero tenham sido todos os nossos corações, mas os seus lábios foram tocados, e esse toque influiu em seus falar.<sup>149</sup>

Os louvores do Senhor só podem ser proclamados por lábios que foram tocados pela brasa viva tirada do altar, sentindo o poder de Deus, através do Seu Espírito Santo. O pregador não pode pronunciar uma sílaba que sugira pensamento impuro ou que desperte uma lembrança duvidosa. Precisa do Espírito Santo para impedir que o pregador fale coisas que levem a mente dos ouvintes para longe de Cristo e das realidades eternas. O Espírito Santo molda as pessoas e livra-lhes completamente de si mesmos.<sup>150</sup> Spurgeon comenta:

Nesse estado prefigura-se o céu: a mente cerrada para todas as influencias perturbadoras, adorando o majestoso Deus, com plena consciência de Sua presença, todas as faculdades elevadas e jubilosamente cheias de vigor no máximo de sua capacidade, todos os pensamentos e poderes da alma alegremente ocupados em contemplar a glória do Senhor e exaltando com as multidões atentas o Bem-amado da nossa alma; e durante todo esse intervalo, a mais pura benevolência concebível para as demais criaturas a incentivar o coração a pleitear com elas em prol do nome de Deus.<sup>151</sup>

James D. Crane falando sobre liberdade de expressão, cita dois exemplos no livro de Atos, o primeiro é de Pedro e João, que depois de uma noite de encarceramento foram interrogados pelo sinédrio quanto a cura do paralítico da Porta Formosa do templo. Pedro estando “cheio do Espírito Santo” (At 4:8). O Espírito Santo de liberdade a Pedro em seu discurso que o impacto foi tanto sobre as autoridades que “se admiravam e reconheceram que haviam eles estado com Jesus” (At 4:13). Ante as ameaças do tribunal e a proibição de

---

<sup>148</sup> MORAES. Op. Cit., p.28-29.

<sup>149</sup> SPURGEON, C. H. *Lições aos Meus Alunos - Homilética e Teologia Pastoral*, Vol.1, p. 15.

<sup>150</sup> SPURGEON. Op. Cit., p. 15, 16.

<sup>151</sup> Ibid, p. 16.

que “absolutamente não falassem nem ensinassem em nome de Jesus” (At 4:28). Pedro recebeu através do Espírito Santo a liberdade para expressar a defesa do Evangelho e do poder de Jesus Cristo livremente e sabiamente; o segundo é o de Estevão que foi homem “cheio do Espírito Santo e de Sabedoria” (At 6:3), e quando discutia com os judeus nas sinagogas de Jerusalém, “não podiam resistir à sabedoria e a Espírito com que falava” (At 6:10). Não conseguiram vencê-lo na discussão e seus inimigos o apedrejaram. Mas em meio à chuva de pedras, Estevão “cheio do Espírito Santo” (At 7:50), viu a glória de Deus e orou por seus assassinos, e o poder de seu testemunho à hora da morte deixou engravado no coração de Saulo um agulhão de convicção que o trouxe aos pés de Cristo Jesus num curto espaço de tempo.<sup>152</sup> Essa liberdade de expressão no momento da pregação deve-se à plenitude do poder do Espírito Santo de Deus. “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos.” (Zac 4:6). O poder do Espírito Santo, a porção certa da Verdade, e a vida consagrada do pregador produzem um impacto tremendo nos corações dos ouvintes.

Donald M. Baillie diz:

É, lugar comum dizer-se que o sentido do pecado e da necessidade de perdão são muito estranhos à mente moderna, (...) ...existe uma incapacidade moderna de entender o sentido do pecado e, especialmente, o significado e a necessidade do perdão divino.<sup>153</sup>

É o Espírito Santo de Deus que dá liberdade de expressão ao pregador para aproximar as mentes modernas dos propósitos de Deus expressos nas Escrituras Sagradas. Tomara que os pregadores experimentem com muita frequência o poder do Espírito Santo, pois, é Ele que realiza a obra.<sup>154</sup>

### 3.1.3 Ele unge o pregador em todo trabalho da pregação

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas novas aos oprimidos; enviou-me a restaurar os de coração abatido, a proclamar liberdade aos cativos e a pôr os presos em liberdade; a proclamar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes.<sup>155</sup>

---

<sup>152</sup> CRANE, James D. **O Sermão Eficaz**. 2.ed.Tr. João Soares da Fonseca. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 37.

<sup>153</sup> BAILLIE, Donald M. **Deus Estava em Cristo**. São Paulo: Rio de Janeiro: ASTE, 1983, p. 183.

<sup>154</sup> SPURGEON, C. H. **Lições aos Meus Alunos – Homilética e Teologia Pastoral**. Vol.1, p. 16-17.

<sup>155</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Isaias 61.1-2.

Spurgeon afirma que Espírito de Deus age também como *óleo que unge*, e isto se relaciona *com todo o trabalho da pregação*. O Espírito Santo unge o pregador e o faz sensível ao assunto e ao objetivo do sermão, até a ponto de ficar dominado por ele. O Espírito Santo torna os ouvintes sensíveis à Palavra de Deus que está sendo entregue. Eles chegarão até ao ponto de desejarem se converter. Quanto aos crentes serão despertados, para que elevem a algo mais nobre do que tudo que já conhecem e cheguem a dizer: “...nós temos recebido da Sua plenitude, e graça sobre graça” (João 1.16). “Graça sobre graça” fala de graça acumulada – graça sobrepondo-se à outra. O pregador sente um intenso desejo de que Deus seja glorificado mediante a verdade que está proclamando. Ao mesmo tempo em que fica com um profundo e compassivo interesse pelas pessoas às quais está proclamando o Evangelho. O Espírito Santo mantém uma disposição devocional enquanto entrega a mensagem. Esta condição todo pregador deve desejar grandemente. Continuar em oração enquanto se ocupa com a prédica. Uma necessidade básica do pregador é essa união em espírito e devoção durante a pregação.<sup>156</sup>

Spurgeon conclui com as seguintes orientações: “Irmãos, devemos pregar cientes de que Deus pretende abençoar a Palavra proclamada, pois temos Sua promessa nesse sentido. (...) ‘A minha Palavra não voltará vazia’.”<sup>157</sup>

Para evitar erros nas maneiras e no tom de prédica, o pregador precisa ser guiado pelo Espírito Santo, sendo que Ele pode ensinar com proveito.

### **3.1.4 O pregador depende do Espírito Santo para produzir efeito concreto**

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes; penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é capaz de perceber os pensamentos e intenções do coração. E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão descobertas e expostas aos olhos daquele a quem deveremos prestar contas.<sup>158</sup>

Produzir efeito concreto deve ser sempre o objetivo do ministro do Evangelho. O objetivo que o pregador deve ter é fazer a espada do Espírito traspasar o coração dos

---

<sup>156</sup>SPURGEON. *Lições aos Meus Alunos - Homilética e Teologia Pastoral*, Vol.1, p. 17, 18, 19.

<sup>157</sup> SPURGEON. Op. Cit. p. 19.

<sup>158</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Hebreus 4.12-13.

homens com seus ensinamentos, suas repreensões, suas correções e sua educação em justiça, a fim de que o homem seja aperfeiçoado em Deus.<sup>159</sup>

Spurgeon diz:

Visem à correta espécie de efeito: inspirar os crentes para coisas mais nobres; levá-los para mais perto do seu Senhor; fortalecer os que vacilam até que se livrem dos seus temores; levar os pecadores ao arrependimento e ao exercício da fé incondicional em Cristo. Sem que se sigam estes sinais, para que servem os nossos sermões?<sup>160</sup>

Spurgeon diz que os pregadores devem depender do Espírito Santo para obter os resultados desejados.

Nenhum homem entre nós pensaria ser capaz de regenerar uma alma. Não somos tão loucos assim, ao ponto de pedir poder para conseguirmos transformar um coração de pedra. Nem sequer ousamos admitir tal coisa; (...). Os verdadeiros resultados só vêm do trabalhador silencioso, mas onipotente, que é o Espírito de Deus; nEle, e apenas nEle, devemos confiar, não só para a conversão de uma única criança da escola dominical, como também para a eclosão de um autêntico avivamento. Devemos olhar só para Ele quando oramos em favor da comunhão e edificação das pessoas. O Espírito continua a afirmar, tal como afirmou nosso Senhor: “Sem mim nada podeis fazeris” (Jo 15.5).<sup>161</sup>

E, ele continua dizendo que: “As conversões, as regenerações e o crescimento espiritual proliferaram por todos os lados. Aleluia! Com o Espírito de Deus, tudo corre bem.”<sup>162</sup>

Os mais eminentes, os bem sucedidos e os notáveis pregadores do evangelho foram os que mais dependeram do auxílio do Espírito Santo. Os que negligenciaram ou negaram esta doutrina, nenhum sucesso acompanhou as suas ministrações.<sup>163</sup>

### **3.1.5 O pregador precisa do Espírito Santo para interceder pelos santos**

“E aquele que sonda os corações sabe qual é a intenção do Espírito; ele intercede pelos santos, segundo a vontade de Deus.”<sup>164</sup>

---

<sup>159</sup>SPURGEON, Op. Cit., p. 20.

<sup>160</sup>SPURGEON, Op. Cit., p. 20.

<sup>161</sup> SPURGEON. **A Maior Luta do Mundo**. São José dos Campos: Fiel, 1995, p. 63-64.

<sup>162</sup> SPURGEON, C. H., Op. Cit., p.67.

<sup>163</sup> Ibid., p. 20, 21.

<sup>164</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Romanos 8.27.

Spurgeon diz que uma parte muito importante da vida do pregador consiste em orar no Espírito Santo, o ministro que não pensa assim, melhor seria que abandonasse o ministério.<sup>165</sup>

O pregador precisa do Espírito de Deus, bem como o Espírito de súplicas, ou seja, orar no Espírito Santo, que faz intercessão pelos santos de acordo com a vontade de Deus. A pregação deve ser acompanhada pela oração, com devoção.<sup>166</sup>

Spurgeon aconselha:

Deve-se manter o retiro periódico, mas a contínua comunhão com Deus deve ser o nosso objetivo. Em regra, nós ministros, nunca devemos ficar muitos minutos sem erguer de fato os nossos corações em oração. (...) Isto não como dever, mas como instinto, como um hábito da nova natureza pelo qual não reclamamos maior crédito do que o bebê por chorar em busca da mãe.<sup>167</sup>

Não poderemos ter êxito nas nossas súplicas, a menos que o Espírito Santo nos assista em nossas fraquezas, porquanto a verdadeira oração consiste em orar no Espírito.<sup>168</sup>

O pregador deve ser mais e mais visitado pelo Espírito de graças e de súplicas, para que o suprimento do Espírito seja sempre suficiente para orar em público de modo espontâneo e aceitável.

Spurgeon relata algo importante de sua intimidade com Deus:

Quanto a mim, a minha mais grandiosa hora secreta de oração muitas vezes dá-se em público. A minha mais genuína experiência de estar a sós com Deus tem-me ocorrido enquanto elevo súplicas em meio a milhares de pessoas. Abro os no fim de uma oração e volto ao povo reunido como uma espécie de choque ao ver que me acho na terra, entre os homens. Essas ocasiões não estão sob o nosso comando. (...) Nenhuma língua pode descrever quão benditas são para o ministro e para os demais irmãos essas condições! Quão repleta de poder e de benção há de ser também a prática habitual da oração não posso deter-me aqui para proclamar. Mas para isso tudo temos que elevar os olhos para o Espírito Santo. E, louvado seja Deus, não olharemos em vão, pois dEle se diz especificamente que Ele ajuda as nossas fraquezas na oração.<sup>169</sup>

O pregador cheio do Espírito Santo lançará fora com alegria todos os grilhões formais para se entregar a corrente sagrada e ser levado até encontrar águas profundas. Essa prática não é vã, pois o Senhor o ajuda nas suas fraquezas.<sup>170</sup>

---

<sup>165</sup> SPURGEON, C. H., **Lições aos Meus Alunos - Homilética e Teologia Pastoral**. Vol.1, p. 20.

<sup>166</sup> SPURGEON, Op. Cit., p. 20.

<sup>167</sup> Ibid., p. 21, 22.

<sup>168</sup> SPURGEON, C. H., **A Maior Luta do Mundo**, p. 62.

<sup>169</sup> SPURGEON, C. H., **Lições aos Meus Alunos - Homilética e Teologia Pastoral**, Vol.1, p. 22-23.

<sup>170</sup> SPURGEON. Op. Cit., p. 22.

### 3.1.6 O Espírito Santo é o Espírito de santidade

“Sede, pois, perfeitos, assim como perfeito é o vosso Pai celestial.”<sup>171</sup>

Deus é imaculadamente santo. Bondade, verdade e justiça são atributos morais de Deus. Os homens são ímpios, mundanos, destituídos de santidade. Os mais puros entre os homens têm suas máculas de caráter. O pregador é um ser humano, portanto ele é chamado à santidade. O pregador deve estar sob a influência do Espírito Santo, pois é Ele o Espírito de santidade. Deve-se salientar que, o pregador está sendo observado pelos seus ouvintes com muita atenção em tudo o que é dito do púlpito e as ações na vida social e em tudo mais. Sendo que ele deve ser um exemplo. Não é fácil ser santo! <sup>172</sup> O pregador deve ter a autoridade que o apóstolo teve quando pronunciou as seguintes palavras: “Irmãos, sede meus imitadores e prestai atenção nos que andam conforme o exemplo que tendes em nós.” (Fl 3.17) e “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.” (1Co 11.11).

A Palavra de Deus orienta os pregadores quanto à santidade:

Pois, como responsável pela obra de Deus, é necessário que o bispo seja irrepreensível, não arrogante, nem inclinado a brigas, nem ao vinho, nem violento, nem dominado pela ganância; mas hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, equilibrado; que se mantenha firme na palavra fiel, conforme a doutrina, para que seja capaz tanto de exortar na sã doutrina quanto de convencer os seus opositores. <sup>173</sup>

Spurgeon também aconselha seus alunos: “Oh, mantenham-se imaculados do mundo! Como pode ser assim estando nós num cenário de tentação e vivendo cercados de pecados? Somente se formos preservados por um poder superior”. <sup>174</sup> O pregador deve ser diariamente enchido de Espírito Santo para ser preservado em toda a santidade e pureza. <sup>175</sup>

### 3.1.7 O pregador precisa do Espírito Santo para lhe dar discernimento

“Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu, SENHOR, já a conheces toda.” <sup>176</sup>

---

<sup>171</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Mateus 5.48.

<sup>172</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., Vol.1, p. 23.

<sup>173</sup>ALMEIDA. Op. Cit., Tito 1.7-9.

<sup>174</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 23.

<sup>175</sup> Ibid., p. 23.

<sup>176</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Salmo 139.4.

O Espírito Santo conhece a mente humana como conhece a mente de Deus.<sup>177</sup> Muitos pregadores, sem discernimento, tornam-se desqualificados mental ou espiritualmente para exercerem o ministério, por isso, diz Spurgeon, que:

Eles não deveriam ter se tornado pastores. Eles são capazes de dogmatizar sobre uma doutrina e polemizar sobre uma ordenança, mas, entrar em compassiva empatia com uma experiência alheia está longe deles. Uma pessoa assim só pode prestar frio consolo às consciências aflitas.<sup>178</sup>

Os pastores precisam ser ensinados pelo Espírito Santo sobre a maneira como cuidar das almas.<sup>179</sup> Os pastores precisam estar atentos, pois a falta de discernimento pode levá-los a desviarem-se da sã doutrina.

A mesma orientação o apóstolo Paulo deu a Timóteo, veja a seguir:

Conforme te pedi, quando partia para a Macedônia, permanece em Éfeso para advertires alguns de que não ensinem outra doutrina, nem se ocupem com fábulas ou genealogias intermináveis, pois produzem discussões em vez de favorecer o propósito de Deus, que tem como fundamento a fé. Esta orientação tem como objetivo o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia. Alguns se desviaram dessas coisas e se entregaram a discussões sem propósito algum, querendo ser mestres da lei, embora não entendam nem o que dizem nem o que afirmam com tanta confiança.<sup>180</sup>

É o Espírito Santo que dá ao pastor a capacidade para lidar e tratar à imensa variedade de problemas que existentes entre as pessoas na igreja.<sup>181</sup>

Spurgeon comenta:

Sobre tudo, irmãos, por mais ternura de coração ou amorosa preocupação que tenhamos, não saberemos tratar da imensa variedade de casos, a não ser que o Espírito de Deus nos dirija, pois não existem dois indivíduos iguais. E mesmo um caso idêntico a outro requererá tratamento diferente em diferentes ocasiões. Num período poderá ser melhor consolar, noutra repreender.<sup>182</sup>

O pastor deve ser um pai espiritual que não deve se arrogar impondo sua autoridade, mas, deve ser estimado por todos, e cuja palavra é dita apenas como terno

---

<sup>177</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 24.

<sup>178</sup> Ibid., p. 24.

<sup>179</sup> Ibid., p. 24.

<sup>180</sup> ALMEIDA. Op. Cit., 1 Timóteo 1.3-7.

<sup>181</sup> SPURGEON. (b) Op. Cit., p. 23,24.

<sup>182</sup> Ibid., p. 24.

conselho, mas é recebida como tendo força de lei, é amorosamente firme e generosamente gentil, é o chefe de todos porque é servo de todos. Isso requer sabedoria do alto. Sendo assim, o pastor pode ficar feliz quando vê tantos irmãos de temperamentos diversos sob disciplina e aceitam a sua liderança na obra do Senhor. Se o Senhor não estivesse nesse negócio logo haveria confusão.<sup>183</sup> Spurgeon conclui dizendo: “Mas se conhecemos os nossos lugares e desejamos conservá-los com toda a humildade, Ele nos ajudará, e as igrejas florescerão sob nossos cuidados”.<sup>184</sup>

### **3.1.8 O pregador depende da assistência do Espírito Santo**

“O vento sopra onde quer, e ouves o seu som; mas não sabes de onde ele vem nem para onde vai; assim é todo que é nascido do Espírito.”<sup>185</sup>

Spurgeon inicia dizendo: “Às vezes Ele dá ou retira a Sua bênção, por razões relativas a nós mesmos”.<sup>186</sup> Nesse sentido, o Espírito Santo abençoa mais um que o ouro, todavia há certas coisas concernentes aos ministros cristãos que Deus abençoa, e certas coisas que impedem o bom êxito.

O apóstolo Paulo adverte os crentes de Corínto sobre a assistência do Espírito Santo:

Irmãos, não vos pude falar como a pessoas espirituais, mas como a pessoas carnis, como a crianças em Cristo. O que vos dei para beber foi leite, e não alimento sólido, pois não podíeis recebê-lo, nem mesmo agora podeis, porque ainda sois carnis. Visto que há inveja e discórdias entre vós, por acaso não estais sendo carnis, vivendo segundo padrões puramente humanos?

Spurgeon conhecendo a lógica do Espírito Santo, diz que: “O Espírito de Deus cai como o orvalho, com mistério e poder. Mas, no mundo espiritual é como no mundo natural: certas substâncias se molham com a umidade celestial, ao passo que outras estão sempre secas.”<sup>187</sup>

---

<sup>183</sup> Ibid., pp. 25, 26.

<sup>184</sup> Ibid., p. 26.

<sup>185</sup> ALMEIDA. Op. Cit., João 3.8.

<sup>186</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 26.

<sup>187</sup> Ibid., p. 26.

Spurgeon aponta para os males praticados pelo pregador que entristece o Espírito de Deus, e destaca alguns defeitos que, eventualmente, podem ser uma realidade na vida dos pregadores: a) o estado de frieza emocional que nasce da desobediência às ternas influências do Espírito. Ele recomenda: “Devemos ser delicadamente sensíveis ao Seu mais leve movimento, e então poderemos esperar a Sua presença em nós”.<sup>188</sup> b) o outro defeito é a falta de sinceridade. Pregadores pregam uma doutrina porque tem de pregar, mas não creem. O Espírito Santo não é cúmplice de pregadores que se ocupam com hipocrisias.<sup>189</sup> Também a escassez de graça. Ele deixa de ser espiritual, falta-lhe o aroma de Cristo. O seu coração nunca se inflama no seu interior. Sua alma não vive.<sup>190</sup>

Outra vez o apóstolo Paulo precisou exortar, agora os crentes da Galácia, que andem no Espírito, a fim de não serem vencidos pelos desejos da carne. “16 Mas eu afirmo: Andai pelo Espírito e nunca satisfareis os desejos da carne.”<sup>191</sup>

Há outro defeito terrível é a preguiça. Sobre isso, Spurgeon, comenta que nós mesmos sentimos arrepios ao vermos os movimentos vagarosos dos preguiçosos, e estejamos certos de que o Espírito Santo, ativo como é, fica igualmente contrariado com os que agem levianamente na obra do Senhor, Spurgeon disse que também é retirada a benção do Espírito Santo aos pregadores negligentes na oração particular.<sup>192</sup>

Spurgeon diz que:

Naturalmente o pregador se distingue acima de todos os demais como homem de oração. Ele ora como um cristão comum, ou de outra forma seria hipócrita. Ora mais que os cristãos comuns, ou de outra forma estaria desqualificado para o cargo que assumiu.<sup>193</sup>

Spurgeon cita as palavras de Bernard: “Seria totalmente monstruoso, um homem estar no ofício mais elevado, e ser o mais baixo de alma; o primeiro na posição e o último no viver”.<sup>194</sup> O pastor torna-se distinguido em seu ministério, em seus relacionamentos, com seus vizinhos, em sua família, como marido, como pai, por sua prática de oração. Até como cidadão, o seu país goza a vantagem da sua intercessão. O fogo do altar de Deus não pode ser extinto da casa do Seu servo escolhido. Ele luta para manter as devoções

---

<sup>188</sup> Ibid. p. 28.

<sup>189</sup> Ibid., p.28.

<sup>190</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 28.

<sup>191</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Gálatas 5.16.

<sup>192</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit. p.29

<sup>193</sup> SPURGEON, C. H., (c). **Lições aos Meus Alunos - Homilética e Teologia Pastoral**, vl. 2, São Paulo: PES, 2004, p. 61.

<sup>194</sup> SPURGEON. (b). Op. Cit., p. 61.

domésticas num modelo para sua igreja. O ministro está sempre orando, lançando petições, disparando-as como flechas bem dirigidas para o céu.<sup>195</sup>

Spurgeon comenta a respeito da prática de oração do ministro:

Seu coração está posto no trabalho, ele não consegue comer ou beber ou recrear-se ou dormir ou levantar-se de manhã, sem sentir sempre um ardor de desejo, um peso de ansiedade e uma simplicidade da sua dependência de Deus; assim, de um modo ou de outro, continua em oração.<sup>196</sup>

O ministro do Evangelho deve cumprir rigorosamente este preceito: “Orai sem cessar.”<sup>197</sup> Muitas vezes os textos bíblicos negarão a revelar os tesouros de Deus, enquanto a chave da oração não os abrirem. A oração eleva a ocupação ministerial, limpara a visão interior do pregador para ver a verdade à luz da Deus.<sup>198</sup>

O pregador deve orar a semelhança do salmista Davi: “Desvenda-me os olhos, para que eu veja as maravilhas da tua lei.”<sup>199</sup> O próprio Senhor Jesus Cristo orava noites inteiras, e constituiu-se maior exemplo de oração para os pregadores.

As próprias consciências dos pregadores lhes dirão o quanto o Espírito Santo se entristece.

### 3.2 HOMILÉTICA DE SPURGEON

Spurgeon, o Príncipe dos Pregadores, possuía grandes habilidades naturais na oratória, tais como a capacidade de imaginação e descrição, a eloquência e a memória prodigiosa, que sem dúvida contribuíram muita para que se tornasse no que era. Contudo, vale ressaltar, que ele não dava demasiado valor a elas, mas insistia em que os pregadores deveriam progredir no modo de expressar. Ele enfatizava a necessidade de os pregadores crescessem em capacidades na oratória, a fim de usá-las de forma natural e espontânea. Essas habilidades, mais a excelência do Evangelho e à energia do Espírito ampliam as possibilidades dos ouvintes serem conduzidos a Cristo.<sup>200</sup>

---

<sup>195</sup> Ibid., p.61.

<sup>196</sup> Ibid., p.62.

<sup>197</sup> ALMEIDA. Op. Cit., 1 Tessalonicenses 5.17.

<sup>198</sup> SPURGEON. (c). Op. Cit., p. 63.

<sup>199</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Salmo 119.18.

<sup>200</sup> ANGLADA. Op. Cit., p. 27.

Nada é de pouca importância se pode ser utilizado para nossa grandiosa meta. Só por falta de um cravo, o cavalo perdeu a ferradura, tornando-se assim inútil para a batalha, aquela ferradura era apenas uma insignificante camba de ferro que tocava o solo, mas o corcel cheio de vida tornou-se inútil sem ela... Há irmãos no ministério cujo falar é intolerável; se alguns fossem sentenciados a ouvir os seus próprios sermões, seria um justo juízo para eles; logo clamariam como Caim: “grande é a minha iniquidade para ser perdoada.” Não caiamos em semelhante condenação por algum defeito da nossa pregação, o qual possamos corrigir.<sup>201</sup>

Numa palavra, que falar seja natural e vivo. Renunciemos aos truques dos oradores profissionais, ao esforço em alcançar efeitos, o clímax estudado, a pausa premeditada, a afetação teatral, o falar sofisticado e tantas coisas mais que observamos em certos pregadores pomposos que ainda sobrevivem na face da terra. Oxalá tais pregadores cheguem a ser uma espécie extinta dentro de breve tempo, e que todos nós aprendamos uma maneira natural e simples de pregar o Evangelho, pois estou persuadido de que é provável que Deus abençoe tal estilo.<sup>202</sup>

Num tempo em que as pessoas estão indispostas ou incapazes de escutar a pregação do Evangelho. Então, a pergunta que brota naturalmente é como se ter motivo para continuar a pregar? O segredo está em dominar certas técnicas, mas também ser dominado por determinadas convicções. Contudo, deve-se tomar o devido cuidado, pois as técnicas pode somente tornar um orador. O pregador precisa da teologia, de simplicidade e usar uma linguagem natural e simples, amor às almas. Spurgeon recomenda aos seus pregadores que preguem sermões expositivos em constante fervor, fogo, sinceridade, são algumas das características essenciais da pregação, que eventualmente poderão auxiliar os ouvintes a abrir o entendimento e a porta do coração.<sup>203</sup> Por isso exortava os pregadores:

Os pecadores são salvos pela verdade que penetra no entendimento, alcançando assim sua consciência. Como pode salvar o Evangelho quando não é entendido? O pregador talvez utilize saltos, gritos, golpes e súplicas; porém o Senhor não está no vento nem no fogo; a voz mansa e delicada da verdade é indispensável para penetrar no entendimento e alcançar o coração. A congregação deve ser ensinada.<sup>204</sup>

---

<sup>201</sup> SPURGEON. (b) Op. Cit., p.17.

<sup>202</sup> Ibid., Op. Cit. p. 18.

<sup>203</sup> ANGLADA. Op. Cit., p. 27.

<sup>204</sup> SPURGEON, C. H.. **Um Ministério Ideal**, vol. 1: São Paulo, PES, 1990, p. 46.

### 3.2.1 No sermão deve haver doutrina e ensino valioso

“Ensinando essas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, nutrido pelas palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido.”<sup>205</sup>

A orientação de Spurgeon aos seus alunos é que dêem claro testemunho de todas as doutrinas que constituem o evangelho ou que o circunscrevem. Não devem reter nenhuma verdade, os mais sublimes conceitos da soberania divina têm um enquadramento prático e as verdades devem ser ensinadas na medida em que Deus lhes tenham inspirado.<sup>206</sup> Nesse sentido Spurgeon adverte dizendo:

Irmãos, se vocês desenvolvem no púlpito proposições que tratam de realidades importantes, é preciso que nunca jamais fiquem pairando em torno dos simples ângulos da verdade. As doutrinas não vitais à salvação da alma, nem essenciais ao cristianismo prático, não devem ser consideradas em todas as ocasiões de culto. Apresentem todos os aspectos da verdade na devida proporção, pois todas as partes da Escrituras são proveitosas, e a vocês compete pregar não somente a verdade, mas toda a verdade.<sup>207</sup> (...) Devemos empregar todo o nosso poder de julgamento, memória, imaginação e eloquência na transmissão do evangelho.<sup>208</sup>

Spurgeon adverte que se deve tomar cuidado com mediocridade na atividade mental, porque há rebaixamento na dignidade do embaixador do céu.

Quem, portanto, desobedecer a um desses mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino do céu; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino do céu.<sup>209</sup>

Sobre o conteúdo do sermão, Spurgeon discorre sobre a primeira orientação: “Os sermões devem conter ensino valioso, e sua doutrina deve ser sólida, substancial e abundante”.<sup>210</sup> O verdadeiro ministro de Cristo sabe que o real valor do sermão está na verdade que ele contém, que é a doutrina da graça de Deus. Isso porque a congregação é formada de pessoas cujas almas estão em perigo iminente. Por outro lado, quando os

---

<sup>205</sup> ALMEIDA. Op. Cit., 1 Timóteo 4.6.

<sup>206</sup> SPURGEON, Ibid., p. 111.

<sup>207</sup> Ibid, p. 112.

<sup>208</sup> Ibid, p. 113.

<sup>209</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Mateus 5.19.

<sup>210</sup> SPURGEON, C. H., **Lições aos Meus Alunos - Homilética e teologia pastoral**, vol. 2: São Paulo, PES, 2002. p. 104.

sermões são avaliados e criticados por ouvintes, em grande parte, são avaliados pela proporção de verdade do Evangelho e pelo poder do Espírito do Evangelho que eles contêm. Devido isso os pregadores devem tomar todo cuidado possível.<sup>211</sup>

Spurgeon afirma que:

Estejam certos de que o mais fervido avivalismo se tornará em fumaça, se não for mantido pelo combustível do ensino. O método divino de pôr a lei na mente, e depois escrevê-la no coração; o julgamento é iluminado, e então as paixões são subjugadas.<sup>212</sup>

O ensino saudável é a melhor proteção contra as heresias que devastam as igrejas de Cristo. E os ouvintes têm o direito de receber informações seguras sobre assuntos bíblicos. Principalmente os que estão desejando ardentemente obtê-las. O interprete da Bíblia deve explicá-la com abundância. Esses ensinamentos devem conter explicações precisas do sistema teológico exarados nas Escrituras Sagradas. Isso só poder ser possível através de um interprete que seja um verdadeiro mensageiro de Deus. Quando o sermão é constituído da pura e simplesmente a própria Palavra de Deus, ele chega com maior poder às consciências dos ouvintes.<sup>213</sup> Spurgeon aconselha aos seus alunos:

Irmãos, se vocês não forem teólogos, não serão absolutamente nada nos seus pastorados (...) sem o conhecimento do evangelho e sem aptidão para ensiná-lo, não passarão de metal que soa ou de sino que tine. (...) Se não formos pregadores instrutivos, e não alimentarmos de fato o povo, poderemos ser grandes citadores de poesia elegante, e poderosos varejistas de foles de segunda mão, entretanto seremos como o antigo Nero, que tocava violino enquanto Roma ardia em chamas, e enviava navios à Alexandria em busca de areia para a arena, enquanto a população morria de fome por falta de trigo.<sup>214</sup>

Spurgeon orienta os pregadores sobre o dever de ter o habito de manter diante de si o sentido preciso das Escrituras, recomenda-lhes que se tenham à *ipsissima verba*, às palavras do Espírito Santo propriamente ditas. Os sermões mais úteis e mais convincentes são o que expõem as exatas palavras do Espírito Santo. A igreja gosta de receber

---

<sup>211</sup> SPURGEON, C. H. Op. Cit. p. 104, 105.

<sup>212</sup> Ibid, p.106.

<sup>213</sup> Ibid, p. 106-108.

<sup>214</sup> Ibid, p. 107.

explicações e exposições das palavras mesmas das Escrituras, isso resultará numa igreja sobremaneira edificada e a verdade se fixa mais firmemente na memória dela.<sup>215</sup>

“Ensinando essas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, nutrido pelas palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido.”<sup>216</sup>

A orientação de Spurgeon aos seus alunos é que dêem claro testemunho de todas as doutrinas que constituem o evangelho ou que o circunscrevem. Não devem reter nenhuma verdade, os mais sublimes conceitos da soberania divina têm um enquadramento prático e as verdades devem ser ensinadas na medida em que Deus lhes tenham inspirado.<sup>217</sup> Nesse sentido Spurgeon adverte dizendo:

Irmãos, se vocês desenvolvem no púlpito proposições que tratam de realidades importantes, é preciso que nunca jamais fiquem pairando em torno dos simples ângulos da verdade. As doutrinas não vitais à salvação da alma, nem essenciais ao cristianismo prático, não devem ser consideradas em todas as ocasiões de culto. Apresentem todos os aspectos da verdade na devida proporção, pois todas as partes da Escrituras são proveitosas, e a vocês compete pregar não somente a verdade, mas toda a verdade.<sup>218</sup> (...) Devemos empregar todo o nosso poder de julgamento, memória, imaginação e eloquência na transmissão do evangelho.<sup>219</sup>

Spurgeon adverte que se deve tomar cuidado com mediocridade na atividade mental, porque há rebaixamento na dignidade do embaixador do céu.

“Fostes regenerados não de semente perecível, mas imperecível, pela palavra de Deus, que vive e permanece.”<sup>220</sup>

Spurgeon diz que a igreja não deve ser edificada com madeira, feno e palha, mas com ouro, prata e pedras preciosas. Há pregadores que “sobem ao púlpito e despejam sobre os ouvintes rios de oratória, cataratas de palavras, em que se dissolvem puras trivialidades quais pílulas infinitesimais de medicina homeopática num atlântico de proclamações verbosa”.<sup>221</sup>

E conclui com a seguinte expressão:

Muito melhor dar ao povo massas de verdade em casca, não burilada, como pedaços de carne do cepo do açogue, retalhados de qualquer jeito, com osso e

---

<sup>215</sup> SPURGEON, C. H. vol. 2, Op. Cit. p. 111.

<sup>216</sup> ALMEIDA. Op. Cit., 1 Timóteo 4.6.

<sup>217</sup> SPURGEON, Ibid., p. 111.

<sup>218</sup> Ibid, p. 112.

<sup>219</sup> Ibid, p. 113.

<sup>220</sup> ALMEIDA. Op. Cit., 1 Pedro 1:23.

<sup>221</sup> SPURGEON, Op. Cit. p. 111.

tudo, e até caído no meio da serragem – sim, muito melhor dar isso do que, com ostentação e finura, apresentar-lhes num prato de porcelana uma deliciosa fatia de coisa nenhuma, decorado com salsa de poesia e temperada com molho de pedantismo.<sup>222</sup>

Jilton Moraes disse que o Senhor Jesus Cristo foi mestre dos mestres na comunicação da Palavra, Ele usou a sua Bíblia, o Velho Testamento, e foi fiel aos ensinamentos, explanando às necessidades dos ouvintes.<sup>223</sup>

Spurgeon concluiu que a igreja precisa de ensinamentos substanciais que contenha toda a verdade doutrinária extraída tão somente da Bíblia e o pregador é o principal responsável por esse processo.

“Porque não deixei de vos anunciar todo o propósito de Deus.”<sup>224</sup> Spurgeon continua suas argumentações dizendo: Esforcem-se para manter o conteúdo dos seus sermões com novíssimo vigor quanto lhes for possível. Os pregadores não devem fechar os olhos para outros ensinamentos da Palavra, mas sintam-se obrigados, em seus ministérios, pregarem todo conselho de Deus. Sermões contendo temas abundantes, diligentemente ilustrados por várias metáforas e experiências, com isso não serão cansativos, mas, nas mãos de Deus, ganharão não só os ouvintes, mas também os seus corações.<sup>225</sup>

Spurgeon orienta seus alunos a serem estudiosos:

Irmãos, anelo que todos sejam “aptos para ensinar” Deve ser ambição nossa tornar-nos “bons despenseiros da multiforme graça de Deus.” Conhecemos certos ministros capacitados que são expositores da Palavra e instrutores dos crentes. Sempre recebemos muito ao ouvi-los. Empenham-se com coisas de grande preço; sua mercadoria é de ouro de Ofir. Citam passagens das Escrituras, as quais recebem nova luz. Especiarias da experiência cristã são descritas e explicadas. Concluídas tais mensagens, salmos na convicção de que estivemos numa boa escola. Oxalá tenhamos a experiência, a iluminação e o esforço necessário para vocação tão elevada! Oh, quanto precisamos de mais sermões ricos em instrução!<sup>226</sup>

Spurgeon aconselha seus alunos a não cederem às pressões e agradarem aos seus ouvintes, ao contrário, que pregassem todo o conselho de Deus:

Sinto-me na obrigação de dizer que nosso objetivo não é agradar à clientela, pregar para satisfazer à nossa época, acompanhar o progresso moderno, nem agradar à minoria culta. A obra da nossa vida jamais desfrutará de aceitação absoluta na terra... (...). Não vacilaremos; não seremos orientados pela

---

<sup>222</sup> Ibid.

<sup>223</sup> MORAES. Op. Cit. p.47.

<sup>224</sup> ALMEIDA. Op. Cit., Atos 20.27.

<sup>225</sup> Ibid, p. 117, 118

<sup>226</sup> SPURGEON, C. H. **Um Ministério Ideal**, vol. 1: Op. Cit. p.79-80.

congregação, mas teremos o olhar fixo na Palavra de Deus e pregaremos segundo as suas instruções...  
...nossa grande aspiração é dar testemunho da verdade. Creio – e esta convicção vai crescendo em mim – que conhecer a verdade é dom da graça de Deus, e amar a verdade é obra do Espírito Santo... Desejamos conhecer tão completamente a verdade e amá-la de todo o coração a ponto de declararmos todo o conselho de Deus da maneira como deve ser feito. Esta não é uma tarefa simples. Proclamar todo o sistema da verdade e dar a cada parte sua devida proporção, não é de modo algum tarefa fácil. Apresentar cada doutrina de acordo com a analogia da fé e pôr cada verdade e seu devido lugar, é algo difícil. Mais fácil é apresentar uma caricatura do formoso rosto da verdade, omitindo uma doutrina e exagerando outra.<sup>227</sup>

### 3.2.2 No sermão deve haver coerência com o texto bíblico

“Prega a palavra, insiste a tempo e fora de tempo, aconselha, repreende e exorta com toda paciência e ensino.”<sup>228</sup>

Spurgeon diz que o sermão, além de haver abundância de substância, essa substância *deve ser coerente com o texto*. O sermão deve emanar do texto e relacionar íntima e verdadeiramente com ele. Pode haver variações, mas para a segurança é preciso obedecer à mente do Espírito Santo na passagem particular que esteja considerando. Seguindo as pegadas do Espírito, o pregador nunca será repetitivo e jamais ficará sem material. Além disso, o sermão chega com muito maior poder às consciências dos ouvintes quando é pura e simplesmente a própria Palavra de Deus. É a Palavra de Deus que inspira, por isso não deve o pregador dar lugar aos seus pensamentos pessoais.<sup>229</sup>

Jilton Moraes diz que o pregador precisa interpretar o texto bíblico para alcançar a coerência do sermão com a idéia central do texto. A tarefa de interpretar o texto é denominada de hermenêutica, palavra originária do grego ερμενευειν (*ermeneúo*), que significa interpretar. O vocabulário refere-se a todo trabalho de “transporte” do texto desde sua origem até o leitor. O pregador precisa estudar o texto para compreender sua significação para seus primeiros destinatários. Ao descobrir esse significado primário ele terá as condições necessárias para aplicar corretamente para o presente momento.<sup>230</sup>

Spurgeon reitera dizendo que o sermão deve ter substância e que evolva da própria Palavra inspirada:

---

<sup>227</sup> SPURGEON, C. H. *Um Ministério Ideal*, vol. 2: Op. Cit. p.74-76.

<sup>228</sup> ALMEIDA. Op. Cit., 2 Timóteo 4.2.

<sup>229</sup> Ibid, p. 107, 108.

<sup>230</sup> MORAES. Op. Cit., pp. 55, 56.

Quando ouvem as palavras precisas reiteradas muitas vezes, e cada expressão comunicada demoradamente, (...) são sobremaneira edificados, e a verdade se fixa mais firmemente na memória deles. (...) Sejam, pois, copiosamente substanciais os seus sermões, e que o conteúdo deles evolva da Palavra inspirada, como as violetas e as prímulas brotam naturalmente do solo fértil, ou como o mel virgem destila do favo.<sup>231</sup>

### **3.2.3 O sermão não deve haver material demais.**

A observação de Spurgeon é que *não sobrecarreguem o sermão com material demais*. Não se deve tentar comprimir a verdade toda num discurso. Os sermões não devem ser sistemas completos de teologia. Nesse sentido é apropriado fazer esta citação do autor:

Andando com um jovem pregador, um velho ministro apontou para uma lavoura de trigo e fez esta observação: ‘o seu último sermão tinha demasiado conteúdo, mas não bastante clareza, nem suficiente boa ordem; foi como aquela plantação de trigo – continha muito alimento cru, porém nenhum pronto para ser servido. Você deve fazer os seus sermões parecidos com pães – prontos para a gente comer, e na forma conveniente’.<sup>232</sup>

Spurgeon diz que as cabeças humanas não são capazes para a teologia, todavia a nossa geração mais degenerada exige a doutrina em quantidades pequenas de cada vez. Essa doutrina deve ser extrato concentrado ou essência, e não substância integral da teologia. O pregador precisa falar muita coisa com poucas palavras.<sup>233</sup>

### **3.2.4 No sermão deve haver ordem de idéias**

Spurgeon orienta que o material do nosso sermão deverá ser bem ordenado, segundo as legítimas normas da arquitetura mental. Sendo assim ele diz:

O pensamento deve elevar-se, ascender, um degrau de ensino levando a outro, uma porta de argumentação conduzindo a outra, e o conjunto elevando o ouvinte até uma recâmara de cujos vitrais se vê a verdade resplandecente, engolfada na luz de Deus. (...) Não permitam que as verdades descambem em confusão.<sup>234</sup>

---

<sup>231</sup> Ibid., p.109.

<sup>232</sup> Ibid, p. 115.

<sup>233</sup> SPURGEON, C. H. vol. 2, Op. Cit. p. 115.

<sup>234</sup> Ibid, p. 116.

Spurgeon diz que os seus ensinamentos doutrinários devem ser claros e inconfundíveis. Para que isso aconteça é necessário que o pregador tenha bastante entendimento sobre o que vai ensinar. O povo quer um ensino firme e sólido da verdade.<sup>235</sup> Spurgeon diz que o pastor deve ser capaz de fazer-se entender a fim de despertar o interesse dos seus ouvintes. E, completa orientação seus alunos:

Se dermos ao nosso povo a verdade pura, a sã doutrina bíblica, e tudo de tal modo verbalizado que nenhuma obscuridade o cerque, seremos verdadeiros pastores das ovelhas, e o proveito colhido por nossos ouvintes logo de fará patente.<sup>236</sup>

### **3.2.5 No sermão deve-se ampliar e desenvolver os ensinamentos**

“O sábio procurou achar palavras agradáveis e escreveu com propriedade discursos plenos de verdade.”<sup>237</sup>

Os pregadores devem ser aprofundados na experiência, e elevados com o seu progresso espiritual. Que isso seja fruto de uma busca constante. Bem-aventurado o homem bem instruído desde o início. O progresso pode ser lento, mas ele acontece. Quando o pregador produz a mensagem deve ampliar por consequência do progresso espiritual. As primeiras produções têm que ser ampliadas em função dos anos de maior maturidade. Os primeiros modelos devem dar lugar aos novos modelos.<sup>238</sup>

Spurgeon orienta dizendo: “Fixem definitivamente nas suas mentes que ainda não alcançaram, e oxalá lhes seja dada a graça que os impulse para frente, rumo àquilo que está além”.<sup>239</sup> E que os pregadores se tornem competentes ministros, que não fiquem atrás dos mais notáveis pregadores, embora em si mesmos continuem sendo nada.

### **3.2.6 Resumo do assunto**

Ao preparar e pregar sermões deve-se ter em vista *empregar o assunto em mão com energia e eficácia, e o assunto deve ser apto para tal emprego.*<sup>240</sup> Spurgeon faz um resumo de tudo que ele quer dizer aos seus alunos: “Meus irmãos, preguem a Cristo,

---

<sup>235</sup> Ibid p. 116.

<sup>236</sup> Ibid, p. 116, 117.

<sup>237</sup> Bíblia Sagrada Almeida Século 21, Eclesiastes 12.10

<sup>238</sup> SPURGEON, C. H. **Um Ministério Ideal**, vol. 1: Op. Cit. p.117.

<sup>239</sup> Ibid, p. 118.

<sup>240</sup> Ibid., p. 118.

sempre e para sempre. Ele é todo o evangelho. Sua pessoa, Seus ofícios e sua obra devem construir o nosso grande e todo-abrangente tema”.<sup>241</sup> Os pregadores foram chamados para proclamar o evangelho. A queda do homem, sua necessidade de novo nascimento, o perdão mediante a expiação, e a salvação como resultado da fé. Isso é bastante coisa para aprender e ensinar e não se deve desviar dessa missão. O autor conclui dizendo: “Ganhar uma alma, livrando-a de descer ao abismo, é um feito mais glorioso do que ser premiado como *Doctor Sufficientissimus* na arena da controvérsia teológica”. (...) “Bem-aventurado o ministério do qual CRISTO É TUDO”.<sup>242</sup>

### 3.3 O PREGADOR E A ESPIRITUALIZAÇÃO DE UM TEXTO BÍBLICO

Spurgeon diz que muitas pessoas que escrevem sobre homilética condenam em termos sem limites o uso da espiritualização de um texto bíblico.<sup>243</sup> Eles dizem:

Escolha textos, dizem eles, que deem um sentido claro, literal; jamais viagem além do sentido óbvio da passagem; nunca se permita acomodar ou adaptar; isso é artifício de homens de cultura artificial, um estratagema de charlatões, miserável exibição de mau gosto e de atrevimento.<sup>244</sup>

Spurgeon discorda dessa opinião e diz: “dessa opinião erudita, entendendo que é mais fastidiosa do que correta, mais plausível do que verdadeira”.<sup>245</sup> E sobre tudo, ele orienta os seus alunos: “Dentro de certos limites, irmãos, não tenham medo de espiritualizar...”,<sup>246</sup> e, “Aconselho-lhes a empregarem a espiritualização de certos limites e fronteiras, sem exageros porque pode causar indigestão e desagrado”.<sup>247</sup>

---

<sup>241</sup> Ibid., p. 119.

<sup>242</sup> SPURGEON, C. H. **Um Ministério Ideal**, vol. 1: Op. Cit. p. 120.

<sup>243</sup> Ibid., p. 146.

<sup>244</sup> Ibid., p. 146.

<sup>245</sup> Ibid., p. 146.

<sup>246</sup> SPURGEON, C. H. **Um Ministério Ideal**, vol. 1: Op. Cit. p. 147.

<sup>247</sup> SPURGEON. Op. Cit. p. 147.

### 3.3.1 Como espiritualizar corretamente um texto

Spurgeon estabelece algumas regras, a serem observadas para espiritualizar um texto bíblico. A primeira regra é: não force violentamente um texto com uma espiritualização ilegítima.<sup>248</sup> Certos pregadores têm malhado e mutilada de modo terrível a Palavra de Deus, eles torturam o texto, fazendo-os revelar o que, de modo algum, jamais teriam falado.<sup>249</sup> Ele cita três exemplos, mas julga-se um só ser necessário para a ocasião:

Diz uma passagem de Provérbios: ‘Por três coisas se alvoroça a terra, e a quarta não a pode suportar: pelo servo, quando reina; e pelo tolo, quando anda farto de pão; pela mulher aborrecida, quando se casa; e pela serva, quando fica herdeira de sua senhora’. Um enlevado espiritualizador declara que isso é um lindo quadro descritivo da obra da graça na alma, e mostra o que alvoroça os arminianos, e os põe em pé de guerra. ‘O servo, quando reina’, i. é, pobres servos como nós, quando feitos reinantes com Cristo; o ‘tolo, quando está farto de pão’, pobres tolos como nós, quando somos alimentados com o trigo mais excelentes da verdade do evangelho; a ‘mulher aborrecida, quando se casa’, i. é, o pecador quando se une a Cristo; e a ‘serva, quando fica herdeira da sua senhora’, i. é, quando nós, pobres criadas que estávamos sob a lei, escravos, fomos escolhidas aos privilégios da Sara, e nos tornamos herdeiras da senhora a quem pertencemos.<sup>250</sup>

Na conclusão desse tópico, Spurgeon aconselha: “É preciso admoestar-lhes a repudiarem todo esse abominável absurdo! Esses devaneios desonram a Bíblia, são um insulto ao bom senso dos ouvintes e um aviltamento deplorável do ministro.”<sup>251</sup> Spurgeon não recomenda esse tipo de espiritualização aos seus alunos.

A segunda regra é: Os assuntos indecorosos não devem ser espiritualizados. Esta regra a ser observada quando da espiritualização de textos bíblicos é: nunca espiritualizar assuntos indecorosos.<sup>252</sup>

Sobre esse assunto Spurgeon aconselha seus alunos:

... mas assevero que as mentes puras não devem ser expostas sequer ao mais leve sopro de indelicadeza proveniente do púlpito, A mulher de César tem que estar livre de suspeita, os ministros de Cristo têm que estar sem nódoa em seu viver e sem mácula em seu falar. (...) Especialmente os jovens devem ser escrupulosos e zelosamente sóbrios e puros em suas palavras. A um idoso se perdoa, não sei bem por que, porém um jovem ficará completamente sem culpa, se ultrapassar a linha estreita da delicadeza.<sup>253</sup>

---

<sup>248</sup> Ibid., p. 147.

<sup>249</sup> Ibid., p. 147.

<sup>250</sup> SPURGEON, C. H. **Lições aos Meus Alunos**, vol. 2: Op. Cit. p. 150, 151.

<sup>251</sup> SPURGEON, Op. Cit., p. 150.

<sup>252</sup> Ibid., p. 151.

<sup>253</sup> Ibid., p. 152.

A terceira regra estabelecida por Spurgeon é: Não espiritualizar o texto a fim de demonstrar inteligência. Ele classifica essa espiritualização como iniquidade e tolice.<sup>254</sup> e, exemplifica dizendo:

Certo candidato uma vez pregou um sermão sobre a palavra, *mas*, esperando com isso captar a simpatia dos congregados que, pensou ele, seriam arrebatados pelos poderes de um irmão capaz de alargar-se tão maravilhosamente sobre uma simples conjunção. (...) Quando o orador desceu do púlpito, os oficiais disseram: “Bem, senhor, seu sermão foi deveras singular, mas – o senhor não é o homem para o lugar; podemos ver isso com clareza”.<sup>255</sup>

Spurgeon lembra aos seus alunos que “a espiritualização não é uma esplendida exibição de talento, mesmo que você tenha competência para fazê-lo bem...”.<sup>256</sup>

Prosseguindo, a quarta advertência é: nunca perverter as Escrituras no intuito de dar um sentido inusitado ao texto, pretendendo espiritualizar, por exemplo, Spurgeon cita o seguinte: “O Sr. Cook, de Maidenhead, sentiu-se obrigado a separar-se de William Huntingdon porque este interpretou o sétimo mandamento como palavras ditas pelo Senhor ao seu Filho dizendo: ‘Não cobiçarás a mulher do diabo, isto é, do não eleito’”<sup>257</sup>. Spurgeon comenta: “Só se pode dizer – horrível! Isso deve instintivamente ser evitado.”<sup>258</sup>

Spurgeon diz que existe, na Bíblia, um campo vasto e legítimo para exercitar o dom da espiritualização, que são os tipos, metáforas e alegorias. Ele orienta que, deve-se ter cuidado com a tendência para o misticismo e que deverá o leitor estar atento à Palavra, a fim de notar o curso geral dos livros e sua subsequência como sistema de tipos,<sup>259</sup> e que os princípios que devem nortear a espiritualização. Segundo Spurgeon “a espiritualização consiste em generalizar os grandes princípios universais desdobrados em fatos diminutos e isolados. Esta é uma busca engenhosa, instrutiva e legítima”.<sup>260</sup>

Além disso, há centenas de incidentes escriturísticos em que se podem achar grandes princípios gerais que talvez em nenhum lugar esteja tão expresso com tantas palavras. Ele cita um exemplo dado pelo Sr. Jay:

---

<sup>254</sup> SPURGEON, C. H. **Lições aos Meus Alunos**, vol. 2: Op. Cit. p. 150, 151.

<sup>255</sup> SPURGEON, Op. Cit., p. 152, 153.

<sup>256</sup> Ibid., p.153.

<sup>257</sup> Ibid., p.153.

<sup>258</sup> Ibid., p.153.

<sup>259</sup> SPURGEON, Op. Cit. p. 153.

<sup>260</sup> Ibid, p. 157.

Do Salmo 74.14, “Fizeste em pedaços as cabeças do leviatã, e o deste por mantimento aos habitantes do deserto,” ele ensina que os maiores inimigos do povo de Deus, povo peregrino, serão mortos, e de que a lembrança da misericórdia revigorará os santos. De gênesis 35.8, “E morreu Débora, a ama de Rebeca, e foi sepultada ao pé de Betel, debaixo do carvalho cujo nome chamou Alom-Bacute”, ele discursa sobre bons servidores e sobre a certeza da morte. Com base em 2 Samuel 15:15, “Então os servos do rei disseram ao rei: eis aqui os teus servos, para tudo quanto determinar o rei, nosso Senhor”, mostra ele que essa linguagem pode com1q propriedade ser adotada pelos cristãos, e dirigida a Cristo. Se alguém fizer objeção à forma de espiritualização que o Sr. Jay tão eficiente e judiciosamente se permitiu fazer, só pode ser uma pessoa cuja opinião não tem por que influir em vocês nem um pouco. Dentro da minha capacidade pessoal, tenho tomado a liberdade de fazer a mesma coisa...<sup>261</sup>

Spurgeon aconselha esse tipo de espiritualização porque é legítima.<sup>262</sup> Spurgeon cita que as parábolas, os milagres, os sermões e os feitos do Senhor Jesus Cristo são ricos em ensinamentos simbólicos e podem ser usados de modo amadurecido e disciplinados. Entretanto, esse uso deve ser discreto.<sup>263</sup>

Spurgeon conclui reafirmando a opinião de que, “... guiados pela descrição e pelo bom senso, podemos empregar ocasionalmente a espiritualização com bom efeito para os nossos ouvintes; certamente os interessaremos e os manteremos despertos”.<sup>264</sup>

### 3.4 POSTURA, ATITUDES E GESTOS

Spurgeon diz:

O principal é o sermão propriamente dito: seu conteúdo, seu objetivo e o espírito com o qual foi apresentado ao povo, a sagrada unção do pregador e o poder divino aplicando a verdade ao ouvinte – são infinitamente mais importantes do que quaisquer pormenores quanto à maneira de pregar. A postura e a ação são questões relativamente pequenas e insignificantes.<sup>265</sup>

No entanto, a maior parte dos ouvintes fixa os olhos principalmente na postura e nos gestos do pregador, enquanto que aqueles que comparecem somente para zombar não veem outra coisa. As pessoas ou se desgostam ou se divertem com as singularidades

---

<sup>261</sup> Ibid., p.157-158.

<sup>262</sup> SPURGEON, C. H. *Lições aos Meus Alunos*, vol. 2: Op. Cit. p. 157.

<sup>263</sup> Ibid, p. 158.

<sup>264</sup> Ibid, p. 165.

<sup>265</sup> SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos*, Vol. 1, p. 119.

estranhas de certos pregadores. Sendo assim, o pregador deve dar imediata atenção às questões menores de movimentos e gestos que possam causar algum desses efeitos e se preocupar com o cultivo de atitudes apropriadas, pelo menos tendo sabedoria suficiente para evitar ridicularias e simulações. Temos exemplos de que uma atitude calma pode estar ligada ao mais alto poder de eloquência.<sup>266</sup>

### **3.4.1 Alguns pregadores são desajeitados por natureza**

Spurgeon defende a tese de que, os pregadores que são desajeitados por natureza, exercícios contínuos e disciplinados dão um bom resultado, a exemplo de exercícios militares. Esses exercícios podem gradualmente corrigir a posição dos ombros, evitando os excessivos balanceios dos braços, expande o peito, mostra-lhe o que fazer com as mãos e, numa palavra, ensina o homem a andar direito, e a adequar-se a uma espécie de posição modelar, sem qualquer esforço consciente para consegui-lo.<sup>267</sup>

Spurgeon pretende orientar os pregadores no sentido de evitarem movimentos inadequados do corpo, dos braços e outros. Ele cita o exemplo de um pregador contemporâneo seu:

No presente momento há em Boston, Estados Unidos da América, um pregador da mais alta classe de poder, de quem escreve um crítico: “Nas sentenças introdutórias, um braço ou o outro balança ao seu lado em desamparo, como se fosse de vértebras caudais interligados frouxamente. Logo passa a exhibir comprometedora falta de jeito, bamboleando para cá e para lá de um modo que nos faz pensar que uma perna é mais curta que a outra, e sacudindo a cabeça e os ombros, dando ênfase que não convence. Levanta uma sobrancelha de maneira completamente impossível. Mais ninguém consegue entortar o olho daquele jeito.”<sup>268</sup>

Spurgeon diz que seria melhor que não existissem tais desvantagens.

---

<sup>266</sup> SPURGEON, Op. Cit., p. 119-122.

<sup>267</sup> Ibid. p. 122-123.

<sup>268</sup> Ibid p. 120.

### 3.4.2 Alguns pregadores podem ficar desajeitados por uma fraca elocução

Spurgeon diz que pode acontecer que os gestos desajeitados decorram de uma fraca elocução, e da nervosa consciência da falta de poder naquela direção. <sup>269</sup>

Para exemplificar, Spurgeon, citou a texto da biografia do Dr. James Hamilton:

Em recursos e aquisições mentais, ele possuía grande riqueza; mas na capacidade de expor os seus pensamentos, com todas as variações de tons e claves requeridas pela natureza deles, e ainda de molde a serem ouvidos por todos num grande edifício, era muitíssimo menos dotado. Neste aspecto, por conseguinte, ele sempre se sentia angustiado por ter consciência de estar longe do seu próprio ideal. O certo é que a falta de força vocal e de pronto controle da entonação, prejudicaram grandemente o poder e a popularidade da sua pregação. <sup>270</sup>

Se o Dr. Hamilton tivesse conseguido vencer suas limitações, teria tornado a sua mensagem acessível a um círculo mais amplo e mais variado e teria sido seguido por multidões maiores. <sup>271</sup>

A fraca elocução pode ocorrer por um defeito físico sem remédio, e não por falta de cuidado e esforços sérios para vencer as suas desvantagens naturais. Spurgeon recomenda os seus alunos:

Onde quer que vejamos atitudes desajeitadas evidentemente inevitáveis, demos-lhe pouca ou nenhuma atenção, cuidado de recomendar ao irmão que faça o melhor que puder nessas circunstâncias, avaliando como realização de não pequena monta um mestre de doutrina cobrir com a riqueza do pensamento e a propriedade da linguagem as condições toscas do homem exterior, fazendo, assim, a alma triunfar sobre o corpo. Se havemos, porém, de afligir-nos por qualquer falha na maneira de pregar, decidamo-nos a dominá-la, pois não é tarefa impossível. <sup>272</sup>

---

<sup>269</sup> Ibid, p. 123.

<sup>270</sup> SPURGEON, Op. Cit., p. 123..

<sup>271</sup> Ibid., p. 124.

<sup>272</sup> Ibid, p. 123-124.

As atitudes e os movimentos dos pregadores tornam-se auxílios à eloquência.

### **3.4.3 Alguns pregadores podem ficar desajeitados em função do púlpito**

Neste tópico, Spurgeon diz que: Os púlpitos têm muito que responder pelas maneiras desajeitadas dos pregadores.<sup>273</sup> Com relação ao púlpito, Spurgeon chega a ironizar com a frase: “Notáveis são as formas que os púlpitos têm assumido de acordo com os caprichos da fantasia e da tolice humana”.<sup>274</sup> Há púlpitos tão mal projetados, contendo erros no formato, na altura e na largura, com isso trazem sérias dificuldades e limitações ao pregador. A mente, a visão, os movimentos e a expressão do mesmo são afetados quando deparam com esses obstáculos. Sendo assim, também causa grandes prejuízos à mensagem. Ele menciona a questão da iluminação que deve ser bem projetada a fim de ser uma aliada do pregador e não um obstáculo. A pessoa que projeta o púlpito, de modo geral, não é a mesma que usa. Essas pequenas falhas de construção muitas vezes fazem a mente do pregador saltar da engrenagem, embaralham os pensamentos e perturbam o espírito, embora o espírito esteja pronto, mas a carne é fraca. Portanto o púlpito deve ser construído de forma que o pregador se sinta confortável. Logicamente que os púlpitos mal projetados são responsáveis pelas posturas estranhas que alguns pregadores assumem, mas um púlpito bem projetado não vai corrigir um homem que está acostumado a posturas estranhas.<sup>275</sup>

### **3.4.4 Alguns pregadores podem ficar desajeitados em função do medo**

Neste tópico Spurgeon diz que não pode duvidar que muitos ficam desajeitados de medo. Não é a natureza, nem o púlpito, mas, o nervosismo que o torna um sujeito ridículo. Há pessoas em só ficar em pé diante das pessoas reunidas é uma demonstração de grande coragem, e falar é na verdade uma penosa prova. Nesse momento se encolhem e tremem sem parar. Nesse instante excitação o corpo todo está trêmulo de medo. Com isso gera o

---

<sup>273</sup> Ibid, p 124.

<sup>274</sup> SPURGEON, Op. Cit., p. 126.

<sup>275</sup> Ibid, 125, 126, 127, 128.

modo desajeitado. O autor aconselha que o pregador deve vencer o mal, em vez de procurar um meio de esconder as suas manifestações externas. A prática é um grande remédio, e um tratamento mais poderoso é ainda a fé em Deus. Quando o ministro se acostuma com o povo fica à vontade, sente-se em casa. Lança-se ao trabalho de coração, e assume a posição de um homem fervoroso. Os gestos são estudados, são naturais e são os melhores e a partir daí alcançará os mais altos resultados.<sup>276</sup>

### **3.4.5 Alguns pregadores podem ficar desajeitados por alguma dificuldade com a pregação**

Spurgeon diz que ocasionais excentricidades de postura e gestos podem decorrer da dificuldade em encontrar a próxima palavra. Os pregadores, ao deparar-se com a dificuldade em encontrar a próxima palavra, fazem diferentes gestos, por exemplo: pronunciam um “*Amem*”, puxam o colarinho, esfregam o olho com a ponta do dedo, curvam os joelhos, põem as mãos nos bolsos, etc. O homem deve ser perdoado pelo que faz quando está em agonia, mas grande lucro seria se nunca padecesse desses embaraços, e sim escapasse das contorções conseqüentes.<sup>277</sup>

### **3.4.6 Alguns pregadores podem ficar desajeitados pela força do hábito**

Spurgeon diz que freqüentemente, o hábito também leva os oradores a movimentos singulares, e a estes ficam tão apegados que não podem falar sem eles. Os hábitos como mexer num botão do paletó, ou brincar com os dedos, ou ficar com alguma coisa na mão manipulando e ou ficar em posições nada naturais que podem obstruir algum órgão da comunicação, devem ser evitados. Os hábitos do censo comum podem ser usados, se necessário, de maneira muito discreta. Os hábitos que não fazem parte da mensagem e podem desviar a atenção dos ouvintes devem ser evitados. Spurgeon dá um exemplo interessante:

---

<sup>276</sup> Ibid, 128, 129.

<sup>277</sup> Ibid, p. 129, 130.

Em Londres havia um conselheiro que nunca pleiteava uma causa sem levar na mão um pedaço de barbante, costumava ficar enrolado no polegar ou noutro dedo durante o tempo em que falava. Os gaiatos daqueles dias chamavam-lhe o fio do discurso dele, pois não era capaz de dizer uma palavra sem o cordão. Um de seus clientes, mais brincalhão do que sábio, roubou dele o barbante em pleno discurso, mas seria melhor que tivesse deixado lá, pois perdeu a causa por causa da brincadeira.<sup>278</sup>

A postura do ministro deve ser natural, bem educada e elegante. Não deve manter-se imóvel, mas pode mover-se para os lados, para frente e para trás de maneira gentil e elegantemente, evitando os exageros. Manter o olhar na direção do auditório. O pregador deve entender que está no púlpito para um serviço muito solene, sendo assim mostrará um espírito reverente e zeloso e a postura deve combinar com a sua missão.<sup>279</sup>

### **3.4.7 Os movimentos devem ser combinados com a mensagem**

Spurgeon, neste tópico, mostra *os movimentos* na pregação. O primeiro ponto é: *nunca devem ser excessivos*. Os movimentos vão depender muito da própria maneira de ser do pregador. Existem pregadores que em seus movimentos “exagerados” combinam muito bem com as suas características peculiares. Enquanto outros, se agirem de mesma maneira poderão cair ao ridículo. Spurgeon diz que:

E como regra geral podemos anotar aqui que a tendência do sentimento profundo é suavizar os modos, em vez de torná-los demasiado enérgicos. Quem golpeia o ar e berra e ruge e bate o pé não diz nada. E quanto mais a pessoa comunica o que quer dizer, menos veemência vulgar haverá.<sup>280</sup>

Existem momentos no sermão que vão exigir um pouco mais de ação, o pregador deve ter uma particular vigilância para não ir longe demais, pois isto poderá acontecer antes que o perceba.<sup>281</sup>

Os movimentos do púlpito devem ser expressivos e apropriados. “A movimentação expressa menos coisas do que a linguagem, mas, é possível expressar essas poucas coisas com maior força ainda”.<sup>282</sup> Cada parte do corpo e do rosto tem sua eloquência, exprimem prazer ou pesar. Spurgeon diz que: “Que volumes podem ser condensados num encolher de

---

<sup>278</sup> SPURGEON, Op. Cit., Vol. 1, p. 130.

<sup>279</sup> Ibid, p. 131.

<sup>280</sup> Ibid, p. 134.

<sup>281</sup> Ibid, pp. 132, 134, 135.

<sup>282</sup> SPURGEON, Op. Cit., p. 136.

<sup>282</sup> Ibid, p. 131.

ombros, e que lamentáveis danos esse mesmo encolher tem produzido!”<sup>283</sup> A gesticulação e a postura podem falar poderosamente e deve-se ter o cuidado de fazê-las falar de modo correto. Podem se ver homens denunciando com punhos ameaçadores as próprias pessoas que eles estão se esforçando para consolar e fortalecer. Os movimentos e a entonação juntos não podem contradizer o significado das palavras. “Quanta força a linguagem das Escrituras pode perder pela transmissão mal feita pelo pregador!”<sup>284</sup> Spurgeon encerra sua exposição aconselhando o seguinte: “Faça a gesticulação condizer com as palavras e funcionar como uma espécie de consecutivo comentário e exegese de natureza prática do que você está dizendo”.<sup>285</sup>

---

<sup>283</sup> Ibid., p. 131.

<sup>284</sup> Ibid., p. 137.

<sup>285</sup> SPURGEON. Op. Cit., p. 131.

<sup>285</sup> Ibid., p. 139.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos a presente pesquisa, com mais uma das citações importantes de Spurgeon, ao se referir aos sermões pregados por muitos pregadores de seu tempo, que parece ser o mesmo momento, que estamos vivenciando hoje, em muitos que se intitulam pregadores ao dizer: “A apatia está por toda parte. Ninguém se preocupa em verificar se o que está sendo pregado é verdadeiro ou falso. Um sermão é um sermão, não importa o assunto; só que mais curto, melhor.”<sup>286</sup>

Infelizmente, para nossa tristeza, Spurgeon estava certo sobre a negação das Escrituras através do púlpito, onde muitos deixam a igreja sem discernimento e vulnerável a “todo vento de doutrina”. Suas palavras resumem muito bem o modo de proceder que orienta e predomina em tantos ministérios cristãos contemporâneos. Os auditórios não estão preocupados com a doutrina. A doutrina está ficando cada vez menos importante até o ponto de ser considerada como um dos empecilhos ao crescimento da igreja, algo indesejado e pernicioso para a prática evangélica. O momento da impetração da benção é o ponto mais alto do culto tanto nos dias de Spurgeon, quanto em nossos dias. O desejo materialista do frequentador é o assunto do sermão. Isso porque, entendemos que está se cumprindo a profecia dada pelo Espírito Santo ao apóstolo Paulo:

O Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns se desviarão da fé e darão ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, sob a influência da hipocrisia de homens mentirosos, que têm a consciência insensível.<sup>287</sup>

Vida, obra, experiências e posições teológicas e práticas de Spurgeon têm muito a nos ensinar. Spurgeon, decididamente combateu algumas tendências erradas no

---

<sup>286</sup> “Preface”, *The Sword and Trowel* (1888, volume completo, p. iii. *Apud* John MacArthur Júnior, Com Vergonha do Evangelho – Quando a Igreja se torna como o mundo, p. 5.

<sup>287</sup> ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento**,. São Paulo: Vida Nova, 1 Timóteo 4.1-2.

evangelicalismo moderno, que estavam sendo iniciadas na sua época. Muitas dessas tendências manifestam-se hoje, em pleno vigor no meio evangélico.

Aos irmãos, diretores dos institutos e faculdades de teologia, seminaristas, pastores, missionários, professores, educadores cristãos e todos quantos estão envolvidos no ensino e na pregação do evangelho, ao dirigir-lhes algumas palavras, quero pedir que pesquisem e se interessem no estado que se encontra a nossa igreja no momento. Através deste trabalho entendemos que é chegada a hora, de levantarmos a bandeira em favor da fé salvífica com diligência, honestidade, conscienciosa atenção e santo temor às Escrituras Sagradas.

Devemos ser instruídos de modo correto na Palavra de Deus, e cheios do Espírito Santo para instruir a outros. Para que sejamos bons pregadores, devemos ter o hábito de procurar a explicação dos textos bíblicos através da direção do Espírito Santo, bons manuais de exegese e hermenêutica bíblica. Dessa forma, agiremos como os nobres de Beréia, que examinavam “diariamente as Escrituras para ver se as coisas eram de fato assim.”<sup>288</sup> Vivendo com os pés na terra do conhecimento celestial, para podermos distribuir esse conhecimento com os discípulos de Cristo Jesus nosso Senhor. Nós lidamos com os pensamentos de Deus; somos obrigados a nos esforçarmos ao máximo para entendê-los verdadeiramente e explicá-los com clareza. Então, nós os pregadores devemos fazer uma interpretação crítica adequada das Escrituras – textual, gramatical, cultural, teológica, histórica, geográfica e etc. Isso por que, precisamos fazer uma ponte entre o mundo bíblico e o mundo contemporâneo e mais precisamente nossos ouvintes. Estamos certos de que a maioria dos cristãos é capaz de entender com profundidade razoável os ensinamentos doutrinários da Bíblia, desde que sejam apresentados com clareza e sem o uso de linguagem altamente técnica. A Palavra de Deus deve ser pregada com graça, cheia de louvor e aplicada pessoalmente à vida do pregador e dos ouvintes.

Outra coisa muito importante que aprendemos com Spurgeon, está no fato de somos compelidos a seguir o exemplo, é que a o verdadeiro sistema de teologia não pode ser construído a partir do que podemos chamar de teologia “liberal” – isto é, por pessoas que negam a absoluta veracidade da Bíblia. Por essa razão, devemos estudar os escritores chamados hoje de tradicionais ou “conservadores evangélicos” – isto é, os grandes reformadores como Martinho Lutero, João Calvino, Louis Berkhof e outros. Hoje, a erudição evangélica conservadora é tão rica e diversificada que proporciona ampla

---

<sup>288</sup> ALMEIDA, Op. Cit., Atos 17.11.

oportunidade para exploração de deferentes pontos de vista e boas concepções quanto às doutrinas das Escrituras. Todo esse esforço regado com muita oração, tanto por si, quanto em favor dos ouvintes da Palavra.

Spurgeon nos ensina que o segredo para elaborarmos e entregarmos sermões tem como base o domínio de certas técnicas, e ser dominado por determinadas convicções. Nós precisamos de teologia, de simplicidade e usar uma linguagem natural e simples, amor às almas e dedicação tanto na elaboração quanto na entrega dos sermões. As técnicas que Spurgeon se refere estão relacionadas à forma de pregar. Ele aconselha-nos que preguemos sermões expositivos e em constante fervor e que auxiliem os ouvintes a abrir o entendimento e a porta do coração. Devemos pregar o evangelho com vistas as necessidade das almas. As almas estão decaídas, elas necessitam do novo nascimento, o perdão mediante a expiação, e a salvação como resultado da fé. Nós devemos aprender e ensinar estas coisas e nunca se afastar dessa missão. Devemos levar a igreja a se empenhar nesse propósito.

Outra questão importante que Spurgeon chama a nossa atenção de maneira incisiva é quanto à nossa postura, atitudes e gestos no momento de entregarmos os sermões. Devemos tomar muito cuidado com a nossa postura no púlpito e com algumas ilustrações. A postura deve ser natural, bem educada e elegante. Devemos nos mover para os lados, e para frente e para traz de maneira gentil e sem exageros. Os movimentos devem ser apropriados. As gesticulações e a postura podem falar poderosamente, por isso, devemos ter o cuidado de fazê-las de modo correto. Spurgeon orienta que: “Quanta força a linguagem das Escrituras pode perder pela transmissão mal feita pelo pregador.”<sup>289</sup>

Todas essas instruções são muito importantes para nós observarmos enquanto envolvidos no ministério da Palavra, se realmente estamos dispostos a pagar o preço para realizar um ministério eficaz, pregando de forma correta o evangelho. Pois, Spurgeon salienta que a verdadeira igreja de Cristo é edificada sobre as verdades fundamentais das Escrituras Sagradas. Portanto, nós que somos profetas da atualidade, devemos rogar a Deus, que sob a influência do Espírito Santo, tenhamos nossas vidas totalmente consagradas e dedicadas através dessas verdades e delas ensinemos a todo homem. Portanto, eis aí um grande exemplo o de Spurgeon, para seguirmos como pregadores!

---

<sup>289</sup> SPURGEON, C. H., **Lições aos Meus Alunos** - *Homilética e Teologia Pastoral*. Vol.1, p. 137.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia sagrada Almeida século 21: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida nova, 2008.

ANGLADA, Paulo. **Spurgeon e o Evangelicalismo Moderno**. São Paulo: Os Puritanos, 1996.

BAILLIE, Donald M. **Deus Estava em Cristo**. Tr. Jaci Correia Fontana, Rio de Janeiro: ASTE, 1983.

CARSON, D. A. **A Exegese e Suas Falácias: perigos na interpretação da bíblia**. Tr. Valéria Fontana. São Paulo: Vida nova, 1992.

CRANE, James D. **O Sermão Eficaz**. Tr. João Soares da Fonseca, 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

DALLIMORE, Arnold A. **Spurgeon: Uma Nova Biografia**. São Paulo: PES, 2008.

LIMA, Elias Pereira de. **Spurgeon e a Doutrina da Expição: Uma Investigação Histórico Teológica**. Belém- Pará: 2007, Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do título de Mestre em Teologia, pela Faculdade Teológica Batista Equatorial.

MACARTHUR, John F. **Com Vergonha do Evangelho: Quando a Igreja se torna como o Mundo**. São Paulo: FIEL, 1997.

MORAES, Jilton. **Homilética da Pesquisa ao Púlpito**. São Paulo, Vida, 2005.

MURRAY, Iain. **O Spurgeon que Foi Esquecido**. trad. Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 2004.

SPURGEON, Charles. H. **A Bíblia: A Infalível Palavra de Deus**. São Paulo: PES, [s.d.]

\_\_\_\_\_. **Amor Imensurável**. São Paulo: PES, [s.d.].

\_\_\_\_\_. **A Inabilidade do Homem**. São Paulo: PES, [s.d.].

\_\_\_\_\_. **A Maior Luta do Mundo**. São Paulo: FIEL, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Perseverança na Santidade**. São Paulo: PES, [s.d.].

\_\_\_\_\_. **Eleição**. 4.ed. São Paulo: FIEL, 1996.

\_\_\_\_. **Esboços Bíblicos, de Gênesis a Apocalipse:** *aprendendo com o príncipe dos pregadores*. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

\_\_\_\_. **Esboços Bíblicos de Salmos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

\_\_\_\_. **História dos Poderosos Feitos de Deus**. São Paulo: PES, [s.d.].

\_\_\_\_. **Lições aos Meus Alunos:** *Homilética e Teologia Pastoral*. Vol.1. São Paulo: PES, 2001.

\_\_\_\_. **Lições aos Meus Alunos:** *Homilética e Teologia Pastoral*. Vol. 2. São Paulo: PES, 2002.

\_\_\_\_. **Lições aos Meus Alunos:** *Homilética e Teologia Pastoral*. Vol.3. São Paulo: PES, 2004.

\_\_\_\_. **O Chamado Para o Ministério**. São Paulo: PES, [s.d.].

\_\_\_\_. **Promessas Preciosas**. São Paulo: PES, [s.d.].

\_\_\_\_. **O Precioso Sangue de Cristo**. São Paulo: PES, [s.d.].

\_\_\_\_. **Sermões do Ano de Avivamento**. São Paulo: PES, 1994.

\_\_\_\_. **Sermões Sobre a Salvação**. São Paulo: PES, 1991.

\_\_\_\_. **Um Mistério Ideal**. Vols. 1, 2. São Paulo: PES, 1990.

\_\_\_\_. **Redenção Particular**. São Paulo: PES, [s.d.].

STOTT, John. **Eu Creio na Pregação**. São Paulo: Vida nova, 1999.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Huguenote>, consultado em 23 de junho de 2011.